



COMO ESTÁ A SAÚDE MENTAL DOS POLICIAIS NO BRASIL?

NISP

NOVAS IDEIAS EM
SEGURANÇA PÚBLICA

“Tenho muito medo de desenvolver algum problema psicológico, me sinto insegura com o meu trabalho, mesmo sendo elogiada, sinto que a instituição está abandonada.”

“A instituição não valoriza a meritocracia de ninguém, é totalmente política e com interesses financeiros excusos”

“Já tive ideações suicidas ao longo da minha carreira. Faço tratamento pelo plano de saúde... já fiquei muito doente, mas hoje estou bem.”

“Falta de policiais, trabalho dobrado, escalas de horário de trabalho excessivas, viaturas velhas (temos que custear os reparos e manutenções com verba nossa), armas sem testar, sem curso de instrução”.

Mesmo em processo de depressão, não tive a ajuda dos superiores quando precisei de afastamento.”

“Quando precisei de ajuda psicológica, o centro de apoio da minha instituição me ligou cerca de três meses depois perguntando se ainda precisava de algo.”

“Hoje temos medo de trabalhar, somos ameaçados de punição pelos superiores, por qualquer coisa somos encaminhados às corregedorias ou ao Ministério Público, é terror diariamente”

“Já tive várias experiências com colegas com problemas psicológicos, um deles tentou suicídio dentro da minha casa”.

“Sofri assédio sexual por parte de um chefe quando pedi ajuda por estar com depressão. Pedi ao chefe para me encaminhar ao serviço psicológico, ele disse que eu não precisava do serviço de saúde, precisava só dele e passou a me tocar e me alisar. Fiquei congelada.”

“Ja conheci quatro que já se suicidaram”

“A polícia é um faz de conta. Só papel, burocracia, não tem investigação nenhuma. O povo sai com um papel da delegacia e nada mais. É frustrante!”





No dia 9 de junho de 2023, a Escrivã de Polícia Rafaela Drummond, de 32 anos, foi encontrada morta no município mineiro de Antônio Carlos, vítima de suicídio. Informações divulgadas em redes sociais indicam que ela sofria assédio moral e sexual na delegacia de Carandaí, onde trabalhava.

<https://www.metropoles.com/brasil/escriva-de-mg-desabafou-sobre-assedio-antes-de-morrer-medo-de-falar>



No dia 14 de maio de 2023, o Inspetor de Polícia Antônio Alves Dourado matou quatro colegas da delegacia em que trabalhava e se entregou posteriormente à Polícia Militar. Em vídeo gravado na audiência de custódia, o Policial afirmou que denunciou formalmente abusos que afirma ter sofrido em sua delegacia sobre plantões, custódia e condução de presos e, como não obteve ajuda, procurou a imprensa que noticiou o fato. Supostamente, como forma de punição, teria recebido plantões de quarta a domingo, quinta a segunda e sexta a terça-feira durante seis meses, além de transferências para outras cidades, o que lhe privou do convívio com a família durante anos. Afirmou também que os delegados responsáveis por sua delegacia cometiam assédio e perseguições contra os servidores.

www.cnnbrasil.com.br/nacional/policial-civil-mata-quatro-colegas-a-tiros-em-delegacia-e-e-presno-no-ceara/



No dia 15 de maio, o Sargento da PM Claudio Henrique Frare Gouveia, de 53 anos, matou dois colegas, o sargento Roberto da Silva e o capitão Josias Justi, comandante da PM na cidade de Salto, no interior de São Paulo. Um mês antes do crime, o sargento Claudio Gouveia foi entrevistado pela BBC News Brasil, por ser conhecido em redes sociais como um dos policiais "mais gentis do Brasil". Logo após os homicídios, o sargento se entregou aos colegas e gravou um depoimento em vídeo em que acusa seus superiores de perseguição. Testemunhas ouvidas na investigação relataram que Gouveia vinha reclamando das escalas de trabalho e se sentia perseguido pelo Capitão Josias Justi.

www.bbc.com/portuguese/articles/c8vr5vylgr0o

Como os governos permitiram que a situação das polícias chegasse a esse ponto?

Por que a saúde mental dos servidores da segurança pública se tornou um problema tão grande e o que podemos fazer para resolver isso?

PREFÁCIO

Por Rodrigo Pimentel - Capitão veterano do BOPE- RJ, autor e produtor de vários sucessos do cinema brasileiro, vencedor do Prêmio EMMY, melhor documentário com o Ônibus 174 , roteirista de Tropa de Elite 1 e 2, vencedor do Urso de Ouro Festival de Berlim, autor de Intervenção, sucesso na Netflix

No mesmo dia em que recebi esta inédita, importante e preocupante pesquisa, apenas algumas horas depois, para ser mais exato, descobri que um jovem amigo, que há pouquíssimos anos tinha ingressado nos quadros da Polícia Civil e que ainda estava na sua primeira lotação, pediu desligamento da corporação.

O que poderia ter ocorrido? Como um jovem entusiasmado e apaixonado pela carreira, que como muitos outros se dedicaram anos com afincos para passar em um concurso muito disputado, desiste do nada? Ainda mais num país onde vagas de emprego formal são escassas, e a carreira pública oferece estabilidade e aposentadoria

A resposta estava na minha frente...nesta pesquisa que eu acabara de ler. Não se tratava de um jovem geração millenium, sem vocação, que pediu pra sair em função de baixos salários ou de incansáveis plantões de feriados e fins de semana. Se tratava, no entanto, de um jovem, como me afirmou, que buscava fugir de infindáveis frustrações e preservar sua saúde mental.

Somente menos de um décimo dos policiais ouvidos pela pesquisa, afirmam que a carreira corresponde com as expectativas do concurso, ou seja, temos uma massa de profissionais visivelmente decepcionados, trabalhando em quartéis e delegacias para servir e proteger a sociedade. Mais de dois terços dos policiais ouvidos receiam ser vítima de colegas com distúrbios psicológicos. Isso demonstra que há uma massa de servidores mais preocupados com uma possível ameaça do colega, devido a questões ligadas à saúde mental, do que propriamente com as atividades rotineiras de investigação e de policiamento ostensivo.

Jornadas excessivas de trabalho, frustrações, não vislumbrar nenhum tipo de ascensão profissional, acreditar que boa parte de seus chefes estejam mais preocupados com suas carreiras do que propriamente com as atividades policiais, sequer ter a expectativa de um dia ser um gestor no nível tático. E por fim, ao pedir demissão, não ser procurado pelo departamento de pessoal, pela chefia da corporação, por uma equipe de psicólogos para tentar uma retenção ou pelo menos para saber o motivo do pedido de demissão e desejar boa sorte na volta à vida civil. Aliás, foi isso que aconteceu com meu amigo.

Talvez a glamourização provocada pelo cinema, venda aos jovens uma expectativa falsa sobre o que realmente é ser policial no Brasil. É certo que a pesquisa é alarmante e nossos policiais precisam de ajuda, como por exemplo, a possibilidade de ascender na carreira, a recuperação da autoestima, o auxílio psicológico e mais importante, uma polícia de entrada única que desperte sempre o sonho de permanecer e crescer na profissão.



INTRODUÇÃO

Os servidores da segurança pública do Brasil são submetidos cotidianamente a altos níveis de estresse e violência. No país, a taxa de homicídios em proporção à população é historicamente uma das maiores do mundo há décadas, aproximadamente 27 homicídios por 100 mil habitantes em 2022. Em números absolutos, o Brasil é o primeiro em homicídios no mundo (62,318) seguido por Índia (29,000), Estados Unidos (25,000) e México (24,576), segundo dados de 2018 de United Nations Office on Drugs and Crime: Global Study on Homicide. Além disso, o Brasil também é importante rota internacional de tráfico de drogas, notadamente de cocaína, e sofre a atuação de grandes e poderosas facções organizadas com atuação internacional.

Nesse cenário de extrema violência, os servidores da segurança pública acabam sendo as pessoas mais expostas a todo tipo de trauma. Enfrentam grupos armados em favelas, repelem ataques de quadrilhas que fazem cercos a cidades, patrulham fronteiras, fiscalizam crimes ambientais, estupros, roubos e cuidam da segurança de criminosos perigosos em presídios.

Segundo dados do Instituto Monte Castelo, em 2021 foram 136 agentes de segurança pública assassinados no Brasil. Em 2020 foram 176 assassinatos. Esses dados não incluem suicídios, cujos números não são divulgados oficialmente pela maioria das secretarias de segurança dos estados nem pelas polícias. Em 2023, os diversos episódios ocorridos em um curto período de tempo envolvendo policiais que vivem sob alto nível de estresse se tornaram públicos, como os casos do policial civil Dourado, no Ceará, da policial civil Rafaela em Minas Gerais e do policial militar Sargento Gouveia em São Paulo. Isso suscitou, mais do que nunca, o debate sobre as medidas que devem ser tomadas pelo setor público para melhorar a qualidade de vida e saúde mental dos policiais, assim como a própria essência do trabalho na segurança pública.

Este relatório foi idealizado com o intuito de entender o real tamanho e as causas do problema da saúde mental nas polícias do Brasil, para que as autoridades responsáveis (Secretários de Segurança Pública, Dirigentes das polícias federais, civis e militares) consigam entender o problema com clareza e se engajem em desenvolver meios para que esse problema seja minimizado.

O Instituto NISP (Novas Ideias em Segurança Pública) idealizou esse relatório pois considera que a saúde dos servidores da segurança, tanto mental quanto física, é fundamental para o funcionamento do país. O NISP não tem filiação partidária, não representa os interesses de nenhum grupo político e tem como propósito levantar e publicar dados que possam ser úteis na formulação de políticas públicas que contribuam para o desenvolvimento do Brasil.

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| 1 - Como está a SAÚDE MENTAL dos POLICIAIS no Brasil? | 8 |
| 2 - Descrição de perguntas e dados gerais | 9 |
| 2.1 Recortes Específicos de Dados | |
| 2.1.1 Por polícia..... | 15 |
| 2.1.2 Por idade | 17 |
| 2.1.3 Por estado | 18 |
| 3. Principais Destaques dos Dados | 20 |
| 4. Existem Caminhos Para Resolver Esse Problema? | 24 |
| 4.1 Carreira de Entrada Única | 24 |
| 4.2 Ciclo Completo e Burocracia..... | 25 |
| 5. Análise dos Dados Sob Perspectiva da Psicologia | |
| 5.1 Saúde Mental e seus impactos na qualidade de vida dos policiais. | 29 |
| 5.2 Caso você conviva com um colega que passa por situação de risco de suicídio, você pode auxiliar das seguintes formas: | 34 |
| 5.3 Relação dos dados da pesquisa com possíveis aplicabilidades dentro das instituições | 36 |
| 6. Conclusões..... | 39 |
| 7. Contatos Para Apoio Psicológico..... | 39 |
| 8. Equipe | 42 |
| 9. Referência e Bibliografia..... | 43 |
| 10. Anexo - Depoimentos de Policiais..... | 44 |



1 - Como está a SAÚDE MENTAL dos POLICIAIS no Brasil

Existe, hoje, um número assombroso de atos violentos que vitimam os policiais no Brasil. Notícias sobre suicídio de servidores de segurança pública raramente são divulgadas, pois acredita-se que, ao se tornarem públicos, os atos violentos servem de incentivo para indivíduos que cogitam praticá-los. Por isso, há pouquíssimos dados, notícias ou notas oficiais sobre suicídios nas polícias do Brasil e ainda menos sobre outros atos violentos que afetam diretamente a saúde mental desses servidores.

A principal preocupação deste trabalho foi identificar as causas e a proporção de policiais brasileiros que se encontram com problemas de saúde mental e se eles sabem como proceder caso adquiram ou convivam com alguém que apresente esses problemas. Normalmente, as instituições policiais possuem algum tipo de apoio psicológico institucional aos servidores, porém a maioria deles não sabe como acessar esse serviço ou nem sabe de sua existência. Foi possível notar que, de forma geral, os problemas são os mesmos em todas as polícias e em todos os estados do Brasil.

A pesquisa foi feita utilizando um formulário do Google Forms, cuja resposta esteve aberta entre os dias 16 e 27 de Maio e 16 e 19 de Junho de 2023. Servidores policiais, em geral, têm receio de se identificar e sofrer punição por falar publicamente sobre problemas que enfrentam nas instituições em que trabalham. Por isso, a única forma de receber respostas honestas dos servidores era garantindo seu anonimato, para que se expressassem livremente.

As únicas informações que o respondente tinha para se identificar pessoalmente eram:

a) Força Policial a qual pertence;

b) Estado da Federação em que atua;

c) Faixa etária.

O formulário de perguntas foi distribuído pelo NISP em grupos de Whatsapp somente de policiais, com o auxílio da COBRAPOL (Confederação Brasileira de Trabalhadores Policiais Civis) e sindicatos filiados para ser espalhado em todos os Estados da federação. O link do formulário foi acompanhado do seguinte texto:

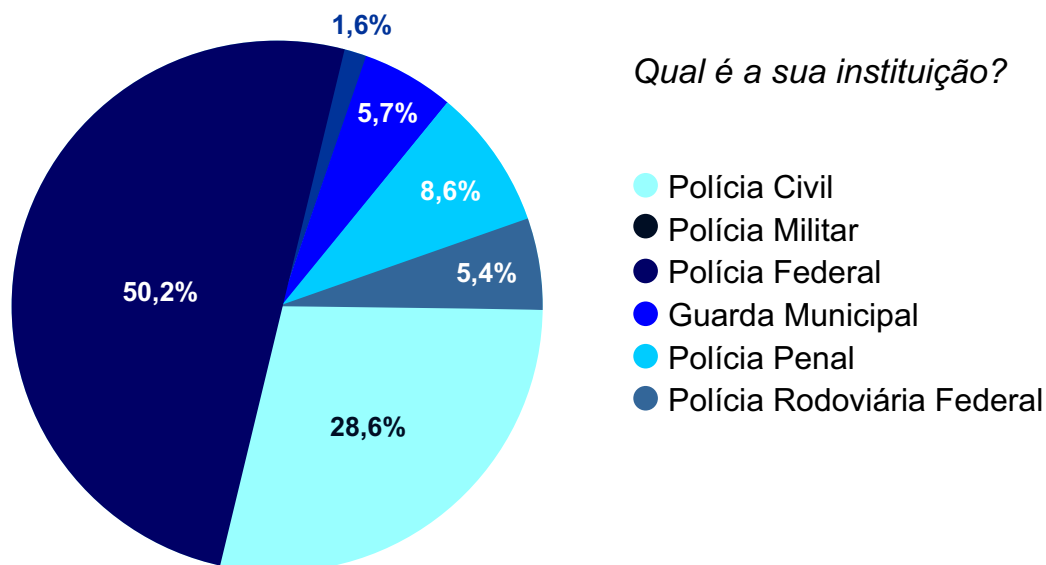
“Esse formulário é anônimo e foi feito para identificar os problemas que os policiais do Brasil enfrentam que afetam sua saúde mental. Pedimos que você só responda esse questionário se for POLICIAL. Se você não for servidor de algumas das carreiras policiais, pedimos a gentileza de respeitar a pesquisa e não preencher.”

Houve uma relativa uniformidade nas respostas, tanto por estado quanto por força policial, o que reforça a ideia de que as respostas foram consistentes e atingiram o público alvo adequadamente.



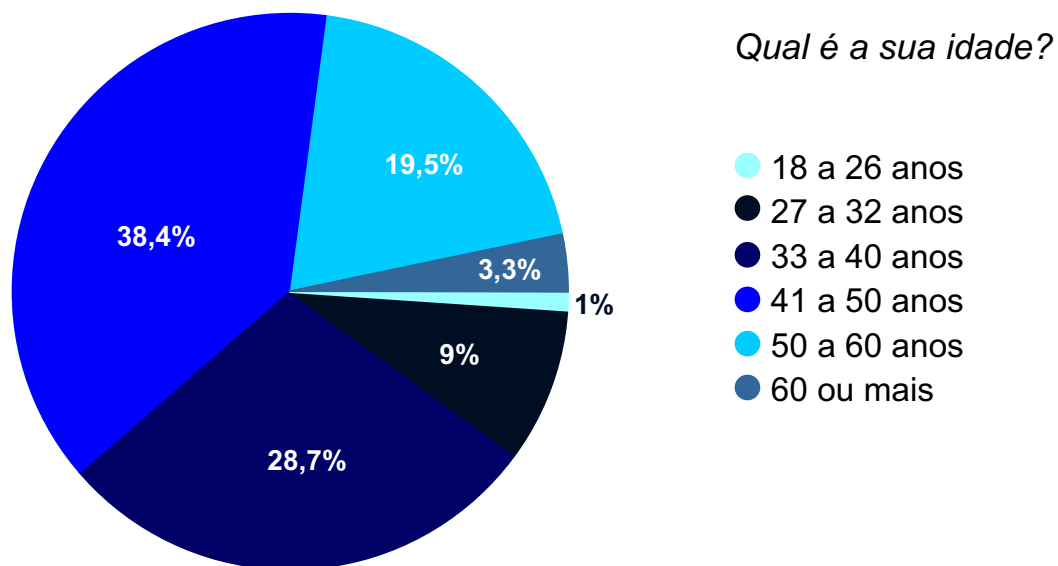
2 - Descrição de perguntas e dados gerais

O questionário recebeu 2.882 respostas. Dessas 50,2% (1445) foram de policiais militares, 28,6% (823) Policiais Civis, 5,4% (156) PRF, 8,6% (248) Policiais Penais, 5,7% (165) Guardas Municipais e 1,6% (45) Policiais Federais.



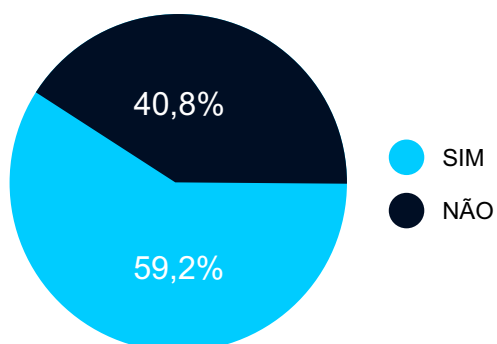
Sobre a distribuição estadual, houve resposta de todos os estados:

| | | | |
|----------|----------|----------|---------------------|
| AC - 6 | GO - 252 | PI - 29 | RS - 103 |
| AL - 12 | MA - 30 | PR - 43 | SC - 275 |
| AM - 9 | MG - 107 | RJ - 382 | SE - 23 |
| AP - 5 | MS - 23 | RN - 187 | SP 473 |
| BA - 127 | MT - 58 | RO - 9 | TO - 17 |
| CE - 99 | PA - 25 | RR - 56 | não quiseram |
| DF - 313 | PB - 147 | | dizer o Estado - 26 |
| ES - 27 | PE - 19 | | |

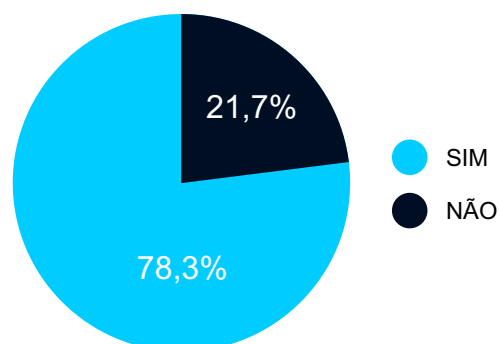


Sobre a oferta de atendimento psicológico e convivência dos servidores com colegas que possuem problemas de saúde mental, as respostas foram na seguinte proporção:

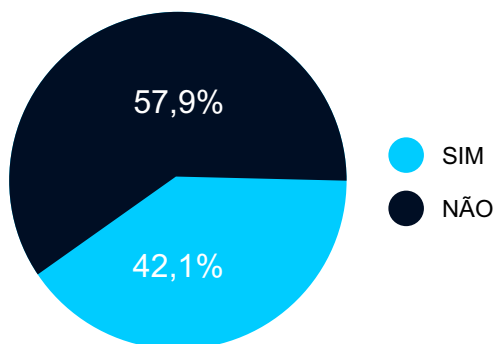
Sua instituição possui algum tipo de apoio psicológico ou de saúde mental?



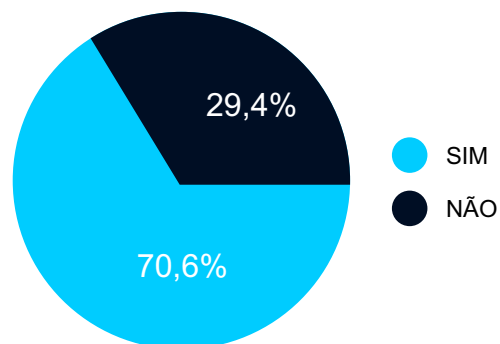
Você apresenta ou trabalha com algum colega que apresenta sinais de problemas psicológicos ou psiquiátricos?



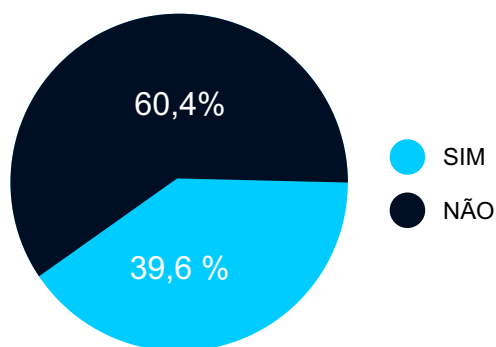
Se você ou algum colega precisar de ajuda psicológica hoje, você sabe como proceder?



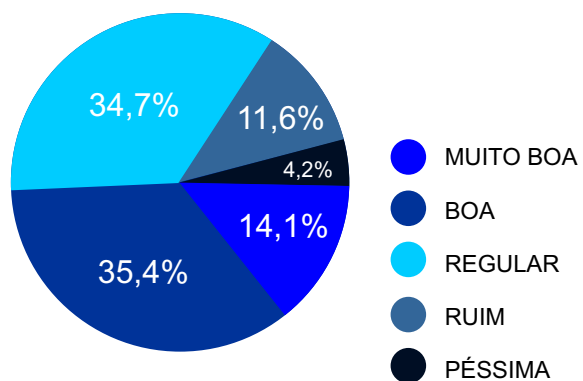
Você tem receio de sofrer violência por parte de colegas que possuem problemas psicológicos?



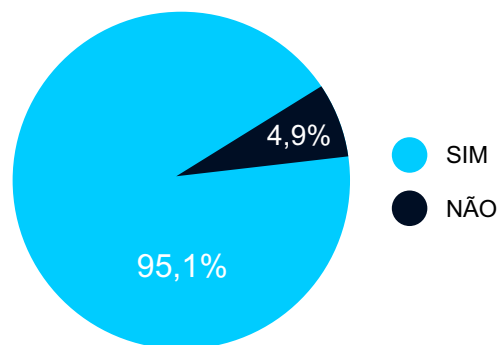
Você já teve vontade repentina de cometer algum ato extremo (disparar arma fora de situação de combate, agressão ou suicídio?)



Como você considera sua saúde mental hoje?

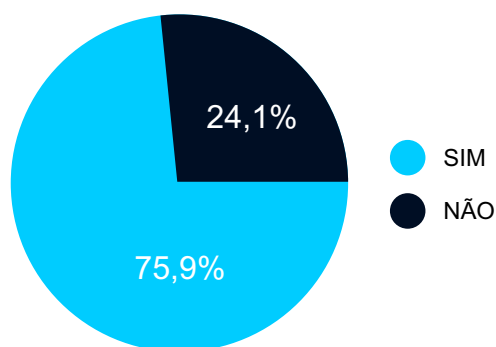


Você acredita que os comandantes ou políticos responsáveis pela sua força poderiam fazer mais pela saúde mental sua e de sua família?

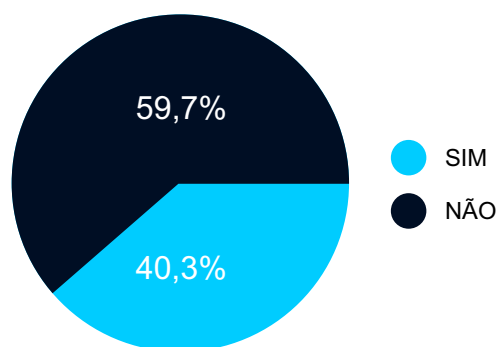


Também foram avaliadas hipóteses que possam pesar negativamente sobre a saúde mental em relação à convivência com superiores, atribuições e nomenclatura de cargos

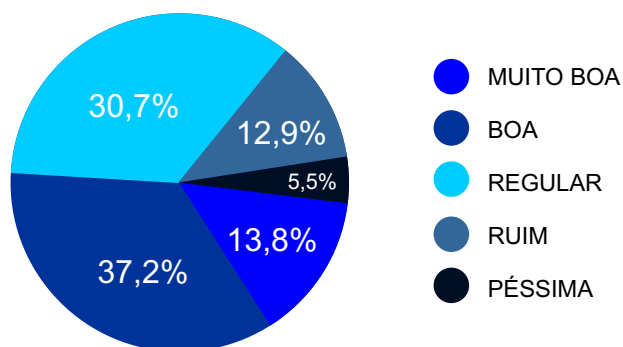
Você acredita que a estrutura da carreira policial de sua instituição e sua relação com superiores é prejudicial para sua saúde mental?



A nomenclatura e atribuições do seu cargo afetam sua auto estima no trabalho?



Como você considera sua auto estima hoje?



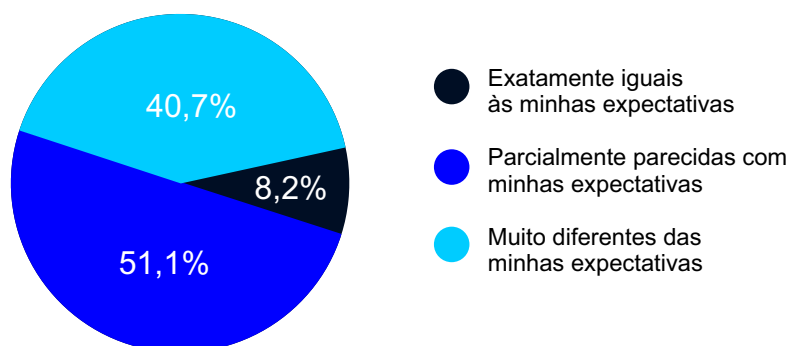
Na pergunta seguinte, o policial poderia selecionar quantas opções desejasse.

Qual você acredita ser a maior causa dos problemas psicológicos dos policiais da sua instituição?

| | |
|--|-------|
| • Difusão da cultura anti-polícia | 34,9% |
| • Jornada de trabalho excessiva | 57,4% |
| • Risco de sofrer punições pelo exercício do dever legal (processo administrativo por excesso de uso da força) | 71,6% |
| • Falta de perspectiva em melhorar as condições de trabalho | 72,6% |
| • Medo de ser punido injustamente pela instituição | 65,6% |
| • Sensação de impunidade pelo Poder Judiciário | 62,3% |
| • Cobrança excessiva pelos órgãos de controle (corregedoria, MP, Judiciário) | 54% |
| • Remuneração insuficiente para vida digna | 74,5% |
| • Consumo excessivo de álcool e drogas | 20,4% |
| • Convivência excessiva com a violência | 43,3% |
| • Plano de carreira ruim, sem perspectiva de ascensão por mérito | 59,2% |
| • Frustração de expectativas de antes de se tornar policial | 23,9% |
| • Corrupção dentro da polícia | 23,5% |
| • Desconfiança quanto aos colegas | 20,7% |
| • Má índole dos superiores e/ou dos gestores de instituição | 43,5% |
| • Falta de autonomia para cumprir seu dever | 36,4% |
| • Redução da auto estima em função da nomenclatura dos cargos | 20,9% |
| • Excesso de burocracia e pouca solução de crimes | 49,9% |
| • Constante risco com a própria segurança | 60,7% |



Você considera que suas atividades diárias correspondem ao que você imaginava que seriam quando prestou concurso para seu cargo?



O último campo do questionário tinha o seguinte enunciado:

Se você tiver alguma experiência e queira contar, esse questionário é anônimo e não recolhemos nenhuma informação que identifique os respondentes.

A resposta era livre e foram centenas de depoimentos, expondo as mais variadas demandas, desde reclamações sobre horários de escala até casos de assédio sexual e suicídios dentro de delegacias. A seguir, algumas das respostas:

“Minha unidade já teve várias pessoas com problemas psicológicos. Eu mesma tive surdez súbita, o especialista disse que eu deveria ser acompanhada por um psicólogo, e quando procurei a policlínica da polícia me disseram que não havia vaga para o meu atendimento”

“Eu estou sofrendo perseguição por parte de um coronel e não sei o motivo”

“Escala indigna e muito poder da caneta em atos de covardia. Escalas desumanas e rancho precário.”

“Muita insegurança para o trabalho diário: número pequeno de polícias para o número de criminosos (faço escolta de presos)”

“Hoje estou fazendo tratamento psiquiátrico devido à ansiedade, angústia e palpitação cardíaca.”

“Tenho 13 anos de polícia civil, minha carreira foi de frustrações e decepções. É um verdadeiro faz de conta, uma fábrica de burocracia e politicagem. Não se investiga nada e os superiores só pensam em ocupar cadeiras que lhes dão poder e dinheiro. Já perdi vários colegas que se suicidaram. O último foi um colega Escrivão de Polícia em novembro de 2022”.



2.1 Recortes Específicos de Dados

2.1.1 Por Polícia

Sua instituição possui algum tipo de apoio psicológico ou de saúde mental?

| | SIM | NÃO |
|------------------|-------|-------|
| Polícia Civil | 52,7% | 47,3% |
| Polícia Militar | 67,3% | 32,7% |
| Guarda Municipal | 29,1% | 70,9% |
| Polícia Penal | 37,1% | 62,9% |
| PRF | 88,5% | 11,5% |
| Polícia Federal | 53,3% | 46,7% |

Você apresenta ou trabalha com algum colega que apresenta sinais de problemas psicológicos/psiquiátricos?

| | SIM | NÃO |
|------------------|-------|-------|
| Polícia Civil | 81,5% | 18,5% |
| Polícia Militar | 75,3% | 24,7% |
| Guarda Municipal | 78,2% | 21,8% |
| Polícia Penal | 88,3% | 11,7% |
| PRF | 71,8% | 28,2% |
| Polícia Federal | 86,7% | 13,3% |

Se você ou algum colega precisar de ajuda psicológica hoje, você sabe como proceder?

| | SIM | NÃO |
|------------------|-------|-------|
| Polícia Civil | 32,0% | 68,0% |
| Polícia Militar | 49,0% | 51,0% |
| Guarda Municipal | 37,6% | 62,4% |
| Polícia Penal | 32,7% | 67,3% |
| PRF | 52,6% | 47,4% |
| Polícia Federal | 35,6% | 64,4% |

Você tem receio de sofrer violência por parte de colegas que possuem problemas psicológicos?

| | SIM | NÃO |
|------------------|-------|-------|
| Polícia Civil | 74,4% | 25,6% |
| Polícia Militar | 68,6% | 31,4% |
| Guarda Municipal | 70,3% | 29,7% |
| Polícia Penal | 74,6% | 25,4% |
| PRF | 66,0% | 34,0% |
| Polícia Federal | 66,7% | 33,3% |



Você já teve vontade repentina de cometer algum ato extremo (disparar arma fora de situação de combate, agressão ou suicídio?)

| | SIM | NÃO |
|------------------|-------|-------|
| Polícia Civil | 38,4% | 61,6% |
| Polícia Militar | 41,4% | 58,6% |
| Guarda Municipal | 29,1% | 70,9% |
| Polícia Penal | 42,7% | 57,3% |
| PRF | 37,8% | 62,2% |
| Polícia Federal | 31,1% | 68,9% |

Como você considera sua saúde mental hoje?

| | BOA E MUITO BOA | RUIM, REGULAR PÉSSIMO |
|------------------|-----------------|-----------------------|
| Polícia Civil | 45,7% | 54,3% |
| Polícia Militar | 51,6% | 48,4% |
| Guarda Municipal | 59,4% | 40,6% |
| Polícia Penal | 45,2% | 54,8% |
| PRF | 49,4% | 50,6% |
| Polícia Federal | 51,1% | 48,9% |

Você acredita que a estrutura da carreira policial de sua instituição e sua relação com superiores é prejudicial para sua saúde mental?

| | SIM | NÃO |
|------------------|-------|-------|
| Polícia Civil | 83,5% | 16,5% |
| Polícia Militar | 74,8% | 25,2% |
| Guarda Municipal | 77,0% | 23,0% |
| Polícia Penal | 72,6% | 27,4% |
| PRF | 46,8% | 53,2% |
| Polícia Federal | 86,7% | 13,3% |

A nomenclatura e atribuições do seu cargo afetam sua auto estima no trabalho?

| | SIM | NÃO |
|------------------|-------|-------|
| Polícia Civil | 47,2% | 52,8% |
| Polícia Militar | 37,8% | 62,2% |
| Guarda Municipal | 40,0% | 60,0% |
| Polícia Penal | 38,7% | 61,3% |
| PRF | 23,7% | 76,3% |
| Polícia Federal | 66,7% | 33,3% |

Como você considera sua auto estima hoje?

| | BOA E MUITO BOA | RUIM, REGULAR PÉSSIMO |
|------------------|-----------------|-----------------------|
| Polícia Civil | 47,3% | 52,7% |
| Polícia Militar | 53,0% | 47,0% |
| Guarda Municipal | 55,2% | 44,8% |
| Polícia Penal | 50,0% | 50,0% |
| PRF | 55,1% | 44,9% |
| Polícia Federal | 44,4% | 55,6% |



2.1.2 Por Idade

Você apresenta ou trabalha com algum colega que apresenta sinais de problemas psicológicos/psiquiátricos?

| | SIM | NÃO |
|-----------------|-------|-------|
| De 18 a 26 anos | 86,7% | 13,3% |
| 27 a 32 anos | 80,4% | 19,6% |
| 33 a 40 anos | 81,7% | 18,3% |
| 41 a 50 anos | 78,5% | 21,5% |
| 50 a 60 anos | 73,3% | 26,7% |
| 60 ou mais | 66,7% | 33,3% |

Se você ou algum colega precisar de ajuda psicológica hoje, você sabe como proceder?

| | SIM | NÃO |
|-----------------|-------|-------|
| De 18 a 26 anos | 36,7% | 63,3% |
| 27 a 32 anos | 33,8% | 66,2% |
| 33 a 40 anos | 40,4% | 59,6% |
| 41 a 50 anos | 45,8% | 54,2% |
| 50 a 60 anos | 40,9% | 59,1% |
| 60 ou mais | 40,6% | 59,4% |

Você tem receio de sofrer violência por parte de colegas que possuem problemas psicológicos?

| | SIM | NÃO |
|-----------------|-------|-------|
| De 18 a 26 anos | 70,0% | 30,0% |
| 27 a 32 anos | 71,2% | 28,8% |
| 33 a 40 anos | 69,6% | 30,4% |
| 41 a 50 anos | 71,4% | 28,6% |
| 50 a 60 anos | 71,0% | 29,0% |
| 60 ou mais | 67,7% | 32,3% |

Você já teve vontade repentina de cometer algum ato extremo (disparar arma fora de situação de combate, agressão ou suicídio)?

| | SIM | NÃO |
|-----------------|-------|-------|
| De 18 a 26 anos | 30,0% | 70,0% |
| 27 a 32 anos | 36,9% | 63,1% |
| 33 a 40 anos | 42,7% | 57,3% |
| 41 a 50 anos | 42,2% | 57,8% |
| 50 a 60 anos | 33,3% | 66,7% |
| 60 ou mais | 26,0% | 74,0% |

Como você considera sua saúde mental hoje?

| | BOA E MUITO BOA | RUIM, REGULAR PÉSSIMO |
|-----------------|-----------------|-----------------------|
| De 18 a 26 anos | 50,0% | 50,0% |
| 27 a 32 anos | 43,8% | 56,2% |
| 33 a 40 anos | 47,1% | 52,9% |
| 41 a 50 anos | 47,5% | 52,5% |
| 50 a 60 anos | 56,9% | 43,1% |
| 60 ou mais | 67,7% | 32,3% |

Você acredita que a estrutura da carreira policial de sua instituição e sua relação com superiores é prejudicial para sua saúde mental?

| | SIM | NÃO |
|-----------------|-------|-------|
| De 18 a 26 anos | 86,7% | 13,3% |
| 27 a 32 anos | 79,6% | 20,4% |
| 33 a 40 anos | 77,7% | 22,3% |
| 41 a 50 anos | 78,5% | 21,5% |
| 50 a 60 anos | 72,6% | 27,4% |
| 60 ou mais | 70,8% | 29,2% |



A nomenclatura e atribuições do seu cargo afetam sua auto estima no trabalho?

| | SIM | NÃO |
|-----------------|-------|-------|
| De 18 a 26 anos | 46,7% | 53,3% |
| 27 a 32 anos | 44,6% | 55,4% |
| 33 a 40 anos | 40,4% | 59,6% |
| 41 a 50 anos | 39,0% | 61,0% |
| 50 a 60 anos | 39,7% | 60,3% |
| 60 ou mais | 42,7% | 57,3% |

Como você considera sua auto estima hoje?

| | BOA E MUITO BOA | RUIM, REGULAR PÉSSIMO |
|-----------------|-----------------|-----------------------|
| De 18 a 26 anos | 63,3% | 36,7% |
| 27 a 32 anos | 49,6% | 50,4% |
| 33 a 40 anos | 47,1% | 52,9% |
| 41 a 50 anos | 50,8% | 49,2% |
| 50 a 60 anos | 55,2% | 44,8% |
| 60 ou mais | 64,6% | 35,4% |

2.1.3 Por Estado

Consideramos aqui apenas os estados que tiveram 100 ou mais respondentes.

Você apresenta ou trabalha com algum colega que apresenta sinais de problemas psicológicos/psiquiátricos?

| | SIM | NÃO |
|----|-------|-------|
| BA | 73,2% | 26,8% |
| DF | 75,1% | 24,9% |
| GO | 75,8% | 24,2% |
| MG | 85,0% | 15,0% |
| PB | 83,7% | 16,3% |
| RJ | 65,4% | 34,6% |
| RN | 85,6% | 14,4% |
| RS | 77,7% | 22,3% |
| SC | 82,9% | 17,1% |
| SP | 82,9% | 17,1% |

Você já teve vontade repentina de cometer algum ato extremo (disparar arma fora de situação de combate, agressão ou suicídio?)

| | SIM | NÃO |
|----|-------|-------|
| BA | 44,1% | 55,9% |
| DF | 35,5% | 64,5% |
| GO | 36,5% | 63,5% |
| MG | 54,2% | 45,8% |
| PB | 41,5% | 58,5% |
| RJ | 35,3% | 64,7% |
| RN | 40,6% | 59,4% |
| RS | 35,9% | 64,1% |
| SC | 42,5% | 57,5% |
| SP | 37,2% | 62,8% |

Como você considera sua saúde mental hoje?

| | BOA E MUITO BOA | RUIM, REGULAR PÉSSIMO |
|----|-----------------|-----------------------|
| BA | 46,5% | 53,5% |
| DF | 53,7% | 46,3% |
| GO | 54,8% | 45,2% |
| MG | 35,5% | 64,5% |
| PB | 52,4% | 47,6% |
| RJ | 50,3% | 49,7% |
| RN | 52,4% | 47,6% |
| RS | 58,3% | 41,7% |
| SC | 45,8% | 54,2% |
| SP | 49,3% | 50,7% |



Você acredita que a estrutura da carreira policial de sua instituição e sua relação com superiores é prejudicial para sua saúde mental?

| | SIM | NÃO |
|----|-------|-------|
| BA | 77,2% | 22,8% |
| DF | 69,6% | 30,4% |
| GO | 73,4% | 26,6% |
| MG | 75,7% | 24,3% |
| PB | 79,6% | 20,4% |
| RJ | 77,5% | 22,5% |
| RN | 78,6% | 21,4% |
| RS | 81,6% | 18,4% |
| SC | 73,5% | 26,5% |
| SP | 81,2% | 18,8% |

A nomenclatura e atribuições do seu cargo afetam sua auto estima no trabalho?

| | SIM | NÃO |
|----|-------|-------|
| BA | 55,1% | 44,9% |
| DF | 35,1% | 64,9% |
| GO | 32,9% | 67,1% |
| MG | 49,5% | 50,5% |
| PB | 43,5% | 56,5% |
| RJ | 32,5% | 67,5% |
| RN | 38,5% | 61,5% |
| RS | 40,8% | 59,2% |
| SC | 40,0% | 60,0% |
| SP | 47,8% | 52,2% |

Como você considera sua auto estima hoje?

| | BOA E MUITO BOA | RUIM, REGULAR PÉSSIMO |
|----|-----------------|-----------------------|
| BA | 44,1% | 55,9% |
| DF | 55,6% | 44,4% |
| GO | 57,9% | 42,1% |
| MG | 39,3% | 60,7% |
| PB | 55,8% | 44,2% |
| RJ | 50,5% | 49,5% |
| RN | 56,7% | 43,3% |
| RS | 53,4% | 46,6% |
| SC | 51,6% | 48,4% |
| SP | 46,7% | 53,3% |



3. Principais Destaques dos Dados

Entre as principais observações dos dados, destacam-se a quantidade de policiais civis que acreditam que a estrutura da carreira policial e relação com superiores é prejudicial para sua saúde mental: 83,5%, superado apenas pela Polícia Federal, 86,7%. Isso pode ser indício de que as polícias judiciárias apresentam uma estrutura hierárquica e de cargos mais danosa à saúde mental dos servidores do que as das polícias ostensivas. Essa característica também aparece nas respostas sobre apresentar ou trabalhar com colegas que apresentam sinais de problemas psicológicos/psiquiátricos: 81,5% para as Polícias Civis e 86,7% para a Polícia Federal, menores apenas que o percentual das Polícias Penais, com 88,3%.

Os conflitos de relação entre os chefes e subordinados é, aparentemente, uma das principais fontes de insatisfação entre policiais, tanto entre Delegados e demais policiais civis, quanto entre Oficiais e Praças das polícias militares. Sobre esse tema, surgiram diversos comentários nas respostas do questionário:

“Os delegados não querem fazer mais suas atribuições deixando toda a sobrecarga para os Escrivães. E os seccionais sabem e nada fazem por que são corruptos”.

“Um delegado que eu gostava muito um dia me humilhou gratuitamente, ele me pediu desculpas posteriores, mas nunca mais consegui trabalhar com ele”.

“Por discordar de um delegado e explanar minha opinião em um grupo de WhatsApp, fui representado à corregedoria via ofício por ele. Tenho 24 anos na Polícia e o delegado apenas 6. Se acham superiores e inquestionáveis”.

“Chefe com aspirações políticas usa os policiais da delegacia para satisfazer os interesses próprios causando muito desgaste emocional. Os policiais são cobrados excessivamente para realizar prisões para dar mídia. Acredito que 1/3 dos policiais da delegacia em que trabalho, inclusive eu, faz tratamento psiquiátrico. A polícia está doente”.

“Sofri assédio moral da Delega e da superintendente. Como não estava aguentando a pressão fui fazer tratamento na clínica por quase seis meses. Tenho as provas do assédio em meu celular, mas não processei por medo”.

“Fui perseguido por não chamar o delegado de DOUTOR e não ter escrito EXCELENTÍSSIMO num ofício”

“Oficiais que não estão nem aí para o que possa ocorrer com os policiais. Por exemplo, locais de baseamento onde ficamos totalmente expostos, sem nenhuma chance de revidar a injusta agressão”.



“A PM consegue fazer exatamente o contrário de como deveriam ser as coisas, policiais com dez anos em diante, em escalas e horários que não condizem com seu tempo de polícia, sua idade e suas condições de saúde, em contrapartida, vemos policiais recém formados com um tipo de “condição de trabalho” relativamente confortável se comparado com seu tempo de serviço”.

“A perseguição dentro da PM, e falo por ela pois ja faz 10 anos que faço parte da mesma, sendo assim eu falo por experiência, é que se um comandante não gosta de você e você é transferido, um liga para o outro e faz recomendações para tornarem perenes o ciclo de perseguições”.

“As escalas de trabalho são usadas para punir os policiais ao invés de pensadas para melhor atender as necessidades da população. O Alto Comando cria propositalmente um clima ruim para o trabalho da tropa, forçando todos a trabalharem descontentes e com a moral baixa.”

As atribuições e a nomenclatura dos cargos, que não são uma causa fácil de identificar como fonte de insatisfação, foi indicada como relevante para a auto estima de 40% dos servidores. Seguem abaixo alguns depoimentos:

“Um amigo também policial militar me contou que certa vez sua filha lhe perguntou qual o cargo dele na polícia, ele muito constrangido disse que era soldado, isso lhe machucou muito pois já tinha 19 anos de serviço policial, no ano seguinte, com 20 anos de serviço foi promovido a cabo. Eu tenho 17 anos de polícia e fui promovido a sargento no final do ano passado, meu treinamento quando entrei na polícia foi horrível, muitas humilhações e com uma perspectiva dos superiores passada para os alunos de uma polícia inimiga da população.”

“Quando entrei na polícia fiquei feliz, afinal eu era um policial. Até a minha primeira troca de tiros e o delegado fez questão de colocar que eu era escrivão. Na audiência já fui questionado sobre ser escrivão e estar na rua. Respondi ao promotor que não era escrevente e sim Escrivão de POLÍCIA e por este motivo poderia agir como policial. Já realizei diversas prisões sozinho e impedi crimes que ocorriam ali naquele momento”.

“Quanto aos cargos: escrivão não é escrivão... é mero operador de sistemas e digitador de b.os. Investigador não é investigador... é mero entregador de intimações e trazedor de ocorrências e sua função é apenas trazer casos da rua e desovar no Distrito Policial, aguardando o escrivão iniciar o b.o, aguardando o escrivão fazer a requisição de perícia, aguardando o escrivão cadastrar as partes, aguardando o escrivão gerar e imprimir oitivas e demais peças etc”.

“Na polícia civil do meu Estado tem absurdos 14 cargos, contando o extinto cargo de Carcereiro. É uma estrutura caótica, tendo cargos cujas nomenclaturas são bizarras e arcaicas como: Atendente de Necrotério, Auxiliar de Necropsia, Agente de Telecomunicações e até mesmo o tradicional Escrivão, já não faz mais sentido no ano de 2023. Até isso colabora para destruir a autoestima dos policiais. A neurolinguística explica”



“Os delegados criaram o cargo de Escrivão para despejar todo tipo de responsabilidade que seri dele e ter alguém pra punir. Somos os burros de carga e os bodes expiatórios da polícia”

“O nome Guarda Municipal acaba não passando respeito e os criminosos não respeitam. A nomenclatura das instituições e dos cargos faz diferença e afeta o moral da tropa”

Sobre as causa de insatisfação de trabalho dos servidores, as principais causas indicadas as respostas foram:

1- Remuneração insuficiente para vida digna - 74,5%

2- Risco de sofrer punições pelo exercício do dever legal (processo administrativo por excesso de uso da força) - 72,6%

3- Falta de perspectiva em melhorar as condições de trabalho - 71,6%

Quanto à Polícia Rodoviária Federal, destacam-se as respostas:

1) Sua instituição possui algum tipo de apoio psicológico ou de saúde mental? 88,5% responderam que sim.

2) Você apresenta ou trabalha com algum colega que apresenta sinais de problemas psicológicos ou psiquiátricos? 71,8% responderam que sim.

3) Se você ou algum colega precisar de ajuda psicológica hoje, você sabe como proceder? 52,6% responderam que sim.



Os três percentuais são os melhores entre todas as polícias, o que sugere que a PRF é a polícia mais preparada do país para tratar do tema da saúde mental. Importante destacar que a PRF é a única organizada em carreira única, portanto menos passível de conflitos e rixas internas como acontece entre os diferentes cargos existentes na PF e nas PC's.

A Polícia Federal, apesar da amostra pequena e de receber uma remuneração maior do que a da maioria das polícias do Brasil, apresentou percentuais de respostas para todas as perguntas semelhantes aos das polícias civis, o que sugere que as fontes de insatisfação são as mesmas, provavelmente inerentes à organização burocrática das polícias judiciárias. Isso é indício de que a questão salarial não é, necessariamente, causa principal de insatisfação.

Em 2019, a FENAPEF (Federação Nacional dos Policiais Federais) publicou um estudo sobre a saúde mental da categoria e apresentou dados preocupantes. O estudo indica que nos cinco anos anteriores à publicação, 49 policiais homens e uma mulher cometeram suicídio. Desse total, vinte e sete eram agentes, oito escrivães, três papiloscopistas, oito delegados, dois peritos e dois servidores administrativos. Esse estudo também sugere que o assédio moral e o terror psicológico detectado em alguns períodos (como pós-greves ou pós-manifestações públicas) contribuem enormemente para as condições críticas de saúde mental e das relações internas na corporação.

Uma pesquisa de 2015, realizada com apoio de duas psicólogas que atuam no Sindicato dos Policiais Federais do Distrito Federal (Sindipol-DF) e protocolada na Polícia Federal e no Ministério da Justiça, apontou que 58% dos policiais federais estão desestimulados ou desmotivados, 49% manifestam sintomas de depressão, 48% apresentam pessimismo e 21% sinalizam ideação suicida. Entre os desesperançados, 83% se consideram desvalorizados pessoal e profissionalmente, 74% se mostram indignados. 46% demonstram sentimento de raiva, 39% de inutilidade e 18% revelam ter medo. (<https://fenapef.org.br/com-alto-numero-de-suicidios-policiais-federais-fazem-alerta-e-buscam-apoio>).

Nota-se que entre todas as corporações, a PF talvez seja a que menos expõe seus policiais a confrontos, ocorrências de risco ou a qualquer tipo de violência física, porém, a PF apresenta números assustadores de suicídios e problemas psicológicos de seu efetivo. Isso demonstra uma contrariedade ao senso comum de que remuneração e periculosidade seriam os fatores de impacto sobre a saúde mental. Provavelmente, fatores como burocracia, ausência de plano de carreira estimulante, autonomia, complexidade, estímulos desafiadores e efetividade da atividade investigativa, podem ser tão cruéis quanto o estresse de ocorrências nas ruas. Ainda mais se tratando de policiais com currículos sofisticados que passam por um concurso altamente concorrido e difícil.

Quanto aos Guardas Municipais, é importante mencionar que o espaço amostral é pequeno, se considerarmos a grande diversidade dos municípios do Brasil. Em alguns, as GCMs são bem equipadas, com estrutura similar ao da Polícia Militar, porém em outros são forças pequenas, desarmadas e sem grande investimento público. Dada a grande variedade de condições das GCMs, é difícil fazer análises ou levantar hipóteses que sejam aplicáveis a todas. Mesmo assim, os problemas que elas demonstram ter são similares às demais polícias, o que sugere não se tratar de uma realidade distinta das demais forças de segurança pública estaduais ou federais.



4. Existem Caminhos Para Resolver Esse Problema?

Problemas complexos dificilmente demandam soluções simples. O sistema de persecução penal brasileiro, desde a fase policial (prevenção e investigação) até a fase judicial (denúncia do Ministério Público e instrução criminal) são extremamente morosos e obsoletos em comparação aos países desenvolvidos e poderiam melhorar muito com reformas modernizadoras. Naturalmente, a fase judicial da repressão aos crimes é parte importante no problema da insegurança pública, porém, como o enfoque deste relatório é a saúde mental dos policiais, vamos abordar as questões relacionadas diretamente ao cotidiano do trabalho policial. Dentre as principais causas citadas nos depoimentos e frequentemente abordadas por representantes da classe policial, além das clássicas questões salariais, de condições materiais de trabalho e assédios, existem três questões mais profundas que se destacam:

A) Ausência de Plano de Carreira Única;

B) Ausência de Ciclo Completo de Polícia;

C) Burocracia.

4.1 Carreira de Entrada Única

No atual modelo de polícia não há verdadeiramente um plano de carreira. A ausência de uma carreira única, em que todos os servidores entrem pelo mesmo concurso e pela ausência de critérios objetivos que o policial possa ascender até o topo da carreira por mérito, desincentiva que o policial se empenhe em se qualificar, pois sua evolução funcional depende quase que exclusivamente do tempo em que está no cargo. No Brasil, existem duas ou mais portas de entrada na carreira policial, o que permite que jovens, às vezes recém formados e sem experiência prática (Oficiais-PM e Delegados-PF e PCs) chefiem equipes de policiais com muitos anos de experiência (Praças e Agentes), ganhando um salário muito mais alto logo no início da carreira.



A ideia da carreira de entrada única é que o policial entre pela base da carreira e com o tempo, mérito, performance, cursos e provas, ou seja, através de critérios objetivos de ascensão, chegue ao topo da estrutura hierárquica. Assim, teríamos policiais estimulados a fazer carreira na instituição. Teríamos policiais em começo de carreira ganhando menos, mas que podem ganhar mais se assim merecerem ao invés de discrepâncias salariais entre funções, que acontecem hoje em dia. Atualmente, os policiais possuem pouco estímulo para se desenvolverem profissionalmente, pois não recebem reconhecimento profissional ou remuneração com isso. Por não haver uma perspectiva real de carreira, não importa o quão produtivo o policial seja, nada mudará em sua trajetória. Esclarecendo um crime ou dez crimes por mês, prendendo um criminoso ou dez por mês, não haverá diferença alguma.

A ideia da carreira única traria também a multidisciplinaridade da atividade policial, já que o crime é diverso, complexo, interdisciplinar e multidisciplinar. As polícias brasileiras privilegiam o bacharelismo jurídico em detrimento da cientificidade inter e multidisciplinar.

Um outro efeito adverso da ausência de carreira única é a alta evasão, já que alguns policiais ingressam na instituição pensando em prestar outros concursos, pois como não há carreira, usam a própria função como etapa de preparação para outros concursos. O Estado tem ônus com o concurso e a formação do policial que rapidamente abandona a instituição, deixando o déficit e o ônus para o erário público.

4.2 Ciclo Completo e Burocracia

Um modelo de ciclo completo significa que os policiais que atendem a uma ocorrência são responsáveis pela prisão ou investigação do início ao fim, ou seja, desde recebimento da notícia crime ou da prisão em flagrante até a apresentação ao Ministério Público e ao Juiz. Ao prender um criminoso, o policial, imediatamente pode fazer o relatório do caso e apresentá-lo em até 24 horas ao Juiz, Promotor e Defensor e lá será analisada a legalidade da prisão e o mérito, decidindo o Juiz pela manutenção da prisão ou soltura do detido.

Quanto às investigações, ao tomarem ciência de um crime, os policiais acionados por conta de um crime seriam os mesmos a iniciar e, em casos normais, finalizar as investigações. A relação é entre o policial responsável pela prisão ou investigação, o Promotor que irá oferecer a denúncia e o Juiz que irá dar a sentença. Ou seja, é um sistema sem intermediários, sem burocracia e descentralizado.

A ideia de ciclo completo não se limita às polícias, mas a todos os órgãos com atribuição de fiscalização ou apuração de ilícitos (poder de polícia do Estado no sentido lato sensu). Por exemplo, quando o IBAMA se depara com um crime ambiental, ele encaminharia sua apuração diretamente ao Promotor e ao Juiz, sem precisar passar por órgãos policiais. Isso acabaria com a necessidade de elaborar pilhas de papéis que poderiam ter sido feitos pelo próprio órgão que apurou a ocorrência. Esse princípio serviria tanto para o citado IBAMA, como para Receita Federal, Vigilância Sanitária, entre outros órgãos do Estado, cada um responsável dentro de sua esfera de atuação.



As polícias civis e federal tornaram-se grandes cartórios que registram crimes, fábricas de procedimentos burocráticos que desestimulam servidores motivados para investigar, transformando-os em burocratas longe da solução efetiva do crime.

Além da ausência de carreira e do ciclo completo, o sistema brasileiro é sobrecarregado com burocracias que já poderiam ter sido superadas por meio de revisão e automatização de processos. Hoje, tudo é baseado em ofícios, autos, termos, certidões, remessas e carimbos. A burocracia é tamanha que, em muitos casos, alguns policiais deixam de agir para não serem submetidos ao trabalho burocrático. Esse relato feito na pesquisa demonstra com clareza essa questão:

“sou policial militar de uma comunidade ribeirinha do Norte do país. Muitos colegas preferem 'dar um corretivo' na hora no criminoso a ter que colocá-lo numa pequena embarcação e viajar 3 horas rio acima para apresentar o detido na Delegacia mais próxima, ficar horas fazendo papel para somente depois conduzirem esse cidadão para o juiz. Sem contar as vezes que passamos o constrangimento de ter que levar o detido de volta”.

Como relatado nesse depoimento, se houvesse o Ciclo Completo, o próprio policial poderia fazer um relatório reportando os fatos, deixar o detido num centro de custódia em sua localidade e logo retornar para o patrulhamento, sendo que em 24hs esse detido seria apresentado diretamente ao juiz por policiais designados a esse trabalho ou pela própria Polícia Penal.

Nota-se que o policial militar nas ruas pode acabar se omitindo ou violando os direitos do cidadão, para não ser submetido à burocracia e deslocamentos que geram um custo descabido ao Estado. Portanto, além de contemplar os princípios da administração pública como celeridade, economicidade, eficiência, o Ciclo Completo é uma questão de Direitos Humanos. Mais que isso, os policiais civis que recebem as ocorrências oriundas dos policiais militares também não gostam de ser uma espécie de cartório de outra instituição e acabam até torcendo contra o sucesso dos colegas das polícias ostensivas, como podemos ver nesse depoimento:

“entrei na Polícia Civil sonhando em fazer investigações, mas virei um cartório que registra crimes. A burocracia é tão grande e são tantas ocorrências para se registrar que acabo torcendo para que os policiais nas ruas não consigam prender ninguém para o bem da minha saúde mental e física. Isso também gera conflitos com os colegas da PM, pois eles não gostam de ter que ficar horas na delegacia e nós não gostamos de ficar registrando ocorrência deles”.

Esse modelo disfuncional gera um retrabalho, pois a PM faz seu relatório, mas a Polícia Civil precisa refazer documentos, sendo que cada um poderia fazer seu próprio relatório de suas próprias ocorrências e apresentar diretamente ao Poder Judiciário, como acontece nos países desenvolvidos.

Enquanto essa burocracia sufoca os policiais brasileiros, o delegado de Polícia Federal aposentado Roberto da Chagas Monteiro, na monografia “Reflexões sobre a Reforma do Código de Processo Penal”, logo na introdução traz a seguinte análise sobre o Inquérito Policial:



“Praticamente inexistente inquérito policial ou processo criminal no país que não esteja entupido de folhas inúteis produzidas por esse meio. É como se nossas autoridades policiais quisessem demonstrar trabalho mediante autos cada vez mais prechos de fotocópias que na quase totalidade das vezes não têm absolutamente nenhum valor probante, enquanto que a prova material, não raro - qual agulha em palheiro - esconde-se no meio de milhares de papéis que só servem para atrapalhar o manuseio dos autos.

Observe-se que, na era do custo-benefício e do império da tão invocada economia processual, o inquérito policial é uma peça meramente informativa, que, para ser produzida, necessita do concurso mínimo de três pessoas: uma autoridade policial, para dirigir as investigações; um escrivão, para formalizar (na realidade, pôr no papel) o que vai sendo feito; e um agente ou detetive, para investigar. Tal trilogia tem sido invariavelmente utilizada para apurar desde o furto de uma galinha até o mais intrincado dos chamados crimes do colarinho branco. O resultado disso é uma perda de tempo com formalismos, consistentes amiúde em inúteis despachos e termos de movimentação, tudo em nome da desconfiança e da imposta necessidade de as peças do inquérito passar de mão em mão para a realização de diligências que, na maioria dos casos, poderiam estar concentradas numa única pessoa.

Quando chegam finalmente à Justiça, os inquéritos policiais, muitas vezes constituídos de calhamaços indigeríveis, não se prestam em sua maioria para servir de base para uma denúncia pelo Ministério Público e, quando esta eventualmente se consuma, servem apenas de peça informativa para o processo que se inicia, conforme prescreve a lei, a melhor doutrina e a mais remansosa jurisprudência. Caberiam ante essa realidade as seguintes indagações: se é para figurar como uma mera peça informativa num eventual e hipotético processo criminal, por que tanta formalidade, tanto bizantismo e tanto rococó na confecção de um inquérito? Por que tanta demora em levar o fato à apreciação do julgador?

A experiência diária tem demonstrado que o crime, além de uma formidável diversificação de suas modalidades, tem ultimamente avançado a passos largos em tecnologia e sofisticação, exigindo daqueles que são encarregados de o investigar uma formação universitária especializada e o conhecimento atualizado dos modi operandi dos criminosos. Tudo isso está a exigir uma polícia judiciária técnica e profissionalmente aprestada para uma resposta investigativa precisa e exitosa. Contudo, vai um enorme abismo entre esse anelado ideal e o diário conviver com uma polícia judiciária emperrada, cheia de leguleios e cacoetes inspirados por um bacharelismo hipertrofiado, vesgo e oportunista, que tomou de assalto as suas chefias e a sua doutrina de trabalho, em determinado momento histórico do país. É evidente que certa familiaridade e desenvoltura com as legislações penal e processual em vigor são essenciais para uma autoridade policial, mas muito mais importante do que isso é o saber investigar com eficiência os crimes cuja apuração lhe foi confiada. Entre o policial jurisconsulto e o investigador eficiente, capaz de elucidar crimes de alta complexidade e apontar seus autores, o bom senso opta sem qualquer titubeio pelo segundo. O estudo e o exame de teses ou doutrinas jurídicas transcendentais é trabalho do juiz, do Ministério Público e do advogado. O policial que dá prioridade ou perde tempo com esses assuntos não está na profissão certa ou errou de concurso público.



Por seu turno, o delegado bacharel, para dar início ao seu trabalho, precisa redigir uma portaria ridícula não prevista no Código de Processo Penal, a qual, depois de editada no computador pelo escrivão, retorna às suas mãos, para que a confira e assine. Só a partir daí é que ele começa oficialmente a trabalhar, isso sem falar em outras invencionices burocráticas, como é o caso, por exemplo, de inscrever num cartapácio chamado de livro tomo todos os dados da portaria e depois incluir novamente aqueles mesmos dados numa rede de computador para que os escalões superiores tenham conhecimento de que a montanha pariu um rato, isto é, foi instaurado um inquérito policial. Começando dessa forma bizarra o seu trabalho de rotina, o delegado bacharel precisa, a partir daí, transmitir as suas ordens por intermédio de um termo formal denominado despacho. E o pobre do escrivão, depois que executa o que foi mandado no despacho, exara uma certidão, informando oficialmente que cumpriu o que o delegado lhe mandou fazer”.

Ainda segundo Roberto da Chagas Monteiro, sobre o INDICIAMENTO:

“Essa chamada 'indiciação', que não está prevista em nenhum rincão do código em vigor, consiste num ato de autoridade formal e discricionário em que o delegado de polícia decide, do alto de sua sapiência, que determinada pessoa foi o autor do delito investigado. Se essa decisão se limitasse apenas à tarefa de apontar ou indigitar o autor de um delito, até que não haveria nada de mais, pois conforme ficou dito alhures uma das missões precípua da polícia judiciária é justamente apontar à Justiça os autores dos delitos. Contudo, o pior é que, com base nessa 'indiciação' – que algumas correntes jurídicas vernáculas mais modernas chegam até a apontar como um ato típico de jurisdição, opinião essa de que discordo – a polícia criou uma série de violações e maus tratos aos direitos individuais que se constituem num autêntico absurdo. Ser indiciado, no Brasil de hoje, significa ser submetido a um auto de qualificação e interrogatório criado especificamente para isso, pontapeando-se a própria letra da lei, que se refere claramente a um 'termo', e não a um 'auto', conforme se verifica no dispositivo legal acima citado, que especificamente trata do tema. Ser indiciado significa, antes de ser condenado pela Justiça e até mesmo sem uma acusação formal, ter o seu nome e qualificação completa incluídos numa lista de duvidosa utilidade elaborada pelo Instituto Nacional de Identificação, dali saindo somente no caso de uma absolvição e, mesmo assim, depois de um cansativo e vexatório trâmite burocrático.

Ser indiciado significa, por fim, submeter-se a uma série de perguntas indiscretas e constrangedoras sobre sua vida pessoal, por ocasião da elaboração de um famigerado 'boletim de vida pregressa', que não está previsto na Lei, mas que é fruto de uma macaqueada interpretação do inciso IX do artigo 6.º do CPP, que determina que a autoridade policial averigue a vida pregressa do indiciado, diligência essa que, por segnicia ou falta de meios, foi com o passar do tempo sendo substituída por aquele iníquo 'boletim'. “

Por fim, o depoimento do policial federal abaixo demonstra que apesar do uso de recursos tecnológicos atuais, a burocracia relatada pelo delegado acima, continua intocada:

“sou policial federal há cerca de 20 anos e os inquéritos hoje são digitais, mas isso em nada melhorou a burocracia. O que fizeram foi apenas digitalizar a burocracia para a tela do computador. O rito processualista, as peças e todos os caminhos que documentos fazem continuam praticamente o mesmo. O modo de trabalho continua cartorário, medieval”.



5. Análise dos Dados Sob Perspectiva da Psicologia

Por Gabriela Marcondes Moreira Lima Psicóloga (Conselho Regional de Psicologia nº 06.174917)

5.1 Saúde Mental e seus impactos na qualidade de vida dos policiais.

A rotina laboral do policial está cercada de momentos com emoções intensas, principalmente o estresse extremo e isso pode acarretar dificuldades de regulação emocional, impactando não apenas no espaço de trabalho mas também no espaço familiar. No Brasil, a segurança pública sofre com uma realidade que remete ao crescimento contínuo das diversas formas de violência e criminalidade, tanto dentro quanto fora das corporações.

Muitas vezes, os policiais sofrem o preconceito de parte da população, que os considera violentos e imprevisíveis. Muitos cidadãos, sobretudo aqueles que vivem em áreas periféricas, violentas ou em contextos de favelas, não confiam no policial, pois julgam sua conduta como discriminatória. Por isso, a figura do policial é falsamente prejudicada, pois há vasta evidência de que a maioria dos policiais tem conduta profissional respaldada na ética e na responsabilidade por seus atos.

Os policiais sofrem influências de fatores negativos que geram emoções intensas, incluindo o estresse. O cansaço físico e a falta de equilíbrio emocional podem levar esses profissionais a assumirem atitudes irracionais durante crises e situações caóticas. Assim, tais reações podem acarretar falta de eficácia no desempenho do exercício profissional, expondo os policiais a perigos em potencial, como o risco de ataques dentro dos locais de trabalho, seja pela população seja pelos próprios colegas.



A profissão se caracteriza por exigir diversos sacrifícios, às vezes o da própria vida, em prol da vida do outro. A morte é uma realidade no dia a dia desse profissional, que precisa saber lidar com a morte das vítimas, dos criminosos, dos próprios companheiros de trabalho e conviver constantemente com a ideia de que sua própria vida corre perigo.

Por isso é de extrema importância sabermos que, dentro da atividade policial, por se tratar de uma atuação profissional tão perigosa, deve-se buscar:

um ambiente familiar saudável

sempre que possível, tenha horas de repouso e lazer, pois uma mente saudável depende dessas atividades que podem contribuir com o equilíbrio mental na realização das tarefas profissionais.

A sobrecarga de trabalho pode ser perigosa, pois muitos policiais prestam serviços em horário de folga, para complementar a renda. Nesse contexto, o estresse resulta da interação das características do indivíduo com as influências do meio em que ele vive. Trata-se de uma reação emocional em que o corpo produz substâncias que causam um efeito no organismo, visando a protegê-lo de alguma situação que cause medo, confusão ou excitação.

No estresse, aparecem certas reações observáveis, como:

Taquicardias, tensão muscular, mãos frias e suadas, sensação de nó no estômago, ombros ligeiramente levantados, e estado de alerta permanente.

Se apresentar esses sintomas é importante que o policial trabalhe sua capacidade de inteligência emocional, ou seja, a percepção/avaliação/expressão da emoção. Afinal, é de extrema importância o gerenciamento das emoções, pois o policial precisa administrá-las para poder comportar-se eficientemente em ambientes com contingências adversas e mesmo perigosas, que podem inclusive envolver risco de vida.



Sinais presentes na Ansiedade intensa:

Fadiga;

Dor de cabeça;

Tensão muscular;

Disfunção sexual;

Palpitação;

Disfunção gastrointestinal.

Suor excessivo;

No entanto, fica mais evidente quando aparecem, ou são reconhecidos, os sintomas neurológicos:

Perda de memória;

Irritabilidade;

Dificuldade de
concentração;

Insônia;

Inquietação

Entre os sintomas psíquicos, os aspectos essenciais são as preocupações constantes e receios, como medo de ficar doente, de que algo negativo aconteça com seus familiares, de não conseguir cumprir com compromissos profissionais ou financeiros, também inclui-se baixo desempenho no trabalho e também podem-se ser experimentados sintomas físicos, como:

sensação de “nervos à flor da pele”;

fatigabilidade;

dificuldade de concentração ou “ter brancos”;

irritabilidade;

tensão muscular;

perturbação do sono.



É importante lembrar que a ansiedade é uma emoção normal e muito presente em nossos dias, porém você precisará se atentar a três pontos:

Se ela é muito frequente no seu dia.

Se ela é tão intensa a ponto de você não conseguir lidar com ela.

Se ela impacta em sua qualidade de vida.

Três formas de lidar com a ansiedade:

ACEITAÇÃO

Que tal ao invés de fugir da ansiedade, passar a conversar com ela? Isso mesmo. Tenha curiosidade em descobrir mais sobre essa emoção. As sensações corporais associadas ao estado de ansiedade podem ocorrer com certa frequência, mas elas são temporárias, ou seja, elas têm um limite máximo. Pode ser desafiador perceber tais sensações e ainda assim permanecer e aceitar. Muitas vezes a tendência é fugir da experiência. Tentar de forma insistente não sentir ou se lembrar de algo desconfortável é uma resposta natural com intuito de desviar sua atenção. Porém o esforço constante de não ter pensamentos e sensações costuma não ser bem-sucedido e pode aumentar esses pensamentos e sensações, por isso tente colocar seu foco em outras coisas, atividades ou situações.

SONO

Com o objetivo de melhorar a qualidade do sono, crie um ritual noturno para afastar o desgaste emocional e físico, por exemplo, tomar um chá, fazer uma leitura leve ou ouvir um áudio relaxante. Procure se afastar de eletrônicos e hiper informações antes de adormecer e deixe para lidar com as pendências do outro dia, no momento correto, ao acordar, e caso isso venha nos seus pensamentos, questione-se se será realmente saudável e benéfico pensar nisso, converse consigo e com seus pensamentos sem medo, e se incline para o que lhe cabe nesse momento.

SENTIDOS

Observe o seu ambiente usando todos os cinco sentidos. Repita para si mesmo cinco coisas que você vê, quatro que você sente, três que você ouve e duas que você cheira ou prova. Se possível busque coisas pelas quais você sinta gratidão.



E experimente fazer uma técnica de relaxamento, chamada respiração diafragmática:

Sente de um jeito bem relaxado com as mãos repousando na barriga.

Inspire pelo nariz, contando até 4.

Segure o ar, contando até 2.

Solte pela boca, contando até 6.

Repita o processo o quanto for necessário e observe o seu corpo.

Permanecer nessa posição de relaxamento por aproximadamente dez minutos e promover uma volta gradual ao estado normal, evitando uma passagem brusca para qualquer outro tipo de atividade.

Caso conheça alguém passando por uma dificuldade emocional, não tenha um olhar de julgamento e não propague um dos falsos mitos em torno do suicídio: o de que a pessoa que tem intenção de tirar a própria vida não avisa nem fala sobre o tema. Sabemos que isso não é verdade e que devemos considerar seriamente todos os sinais de alerta que podem indicar que a pessoa está pensando em suicídio. Não há uma “receita” para detectar seguramente uma crise suicida em uma pessoa próxima. Entretanto, um indivíduo em sofrimento pode dar certos sinais que devem chamar a atenção como a tristeza e angústia constante, a falta de esperança, o afastamento social.



5.2 Caso você conviva com um colega que passa por situação de risco de suicídio, você pode auxiliar das seguintes formas:

Encontre um momento apropriado e um lugar calmo para falar com essa pessoa. Deixe-a saber que você está lá para ouvir, ouça-a com a mente aberta e ofereça seu apoio sem julgamentos.

Incentive a pessoa a procurar ajuda de profissionais de serviços de saúde, de saúde mental, de emergência ou apoio em algum serviço público. Ofereça-se para acompanhá-la a um atendimento.

Se você acha que essa pessoa está em perigo imediato, não a deixe sozinha. Procure ajuda de profissionais de serviços de saúde, de emergência e entre em contato com alguém de confiança, indicado pela própria pessoa.

Fique em contato para acompanhar como a pessoa está passando e o que está fazendo.

Se você estiver enfrentando problemas de saúde mental, tente fazer as seguintes reflexões:

Identifique o que você está sentindo;

Pense em como têm lidado com os desafios;

Identifique quais são as preocupações que lhe afligem;

Busque identificar os possíveis gatilhos, ou seja, situações e momentos em que essas emoções intensas mais se apresentam;

Busque pessoas de sua confiança para falar sobre seus sentimentos que lhe tragam apoio e discernimento (isso se chama rede de apoio) e em casos de emoções intensas e frequentes como a ansiedade, angústia, pensamentos suicidas e estresse, busque ajuda dos profissionais da saúde, como um psicólogo ou psiquiatra, pois ambos irão acolhê-lo e fornecerão suporte para sua situação. Em casos de urgência, convém usar o serviço do número 188, o Centro de Valorização a Vida, que possui pessoas capacitadas para dar suporte emocional via telefone. Isso trará maiores possibilidades de lidar com o sofrimento emergencial, de forma breve e assertiva.



Diante de uma pessoa sob o risco de SUICÍDIO, O QUE NÃO SE DEVE FAZER:

Não condenar/ julgar:

“Isso é covardia.”

“É loucura.”

“É fraqueza.”

Não banalizar:

“É por isso que quer morrer? Já passei por coisas bem piores e não me matei.”

Não opinar:

“Você quer chamar a atenção.”

“Te falta Deus.”

“Isso é falta de vergonha na cara.”

Não dar sermão:

“Tantas pessoas com problemas mais sérios que o seu, siga em frente.”

Não falar simplesmente frases de incentivo vazias:

“Levanta a cabeça, deixa disso.”

“Pense positivo.”

“A vida é boa.”



5.3 Relação dos dados da pesquisa com possíveis aplicabilidades dentro das instituições

Diante dos dados analisados, é de crucial importância a aplicação de projetos integrativos dentro das corporações para o desenvolvimento da inteligência emocional, visto que muitos relatos do questionário contêm emoções intensas como estresses, traumas, ansiedade, angústia e desespero envolvidos nas rotinas laborais.

A inteligência emocional no meio organizacional é tão prestigiada que hoje existem cursos para desenvolver essa capacidade e, a partir dela, equilibrar sentimentos negativos. A compreensão sobre inteligência emocional pode resultar em um melhor gerenciamento de suas próprias emoções, resultando, possivelmente, em indivíduos mais bem-sucedidos, com melhor qualidade de vida, mais produtivas e fazendo escolhas melhores diante de emoções intensas.

A pesquisa sobre os policiais demonstra a grande necessidade de uso e domínio da inteligência emocional, principalmente para o controle das emoções. Esses profissionais estão constantemente submetidos a situações de violência e imprevisibilidade em suas atividades, até mesmo dentro de sua própria corporação.

As polícias, de um modo geral, não possuem, em seu quadro de funcionários, psicólogos suficientes ou mesmo um setor de psicologia que atue junto aos médicos, com autonomia própria, para propor ao policial algum tipo de tratamento, suporte clínico ou trabalho preventivo para conter os sintomas de problemas mentais no início de seu aparecimento. Essa assistência ocorre, na maior parte das vezes, quando o policial se envolve em alguma ocorrência e passa a demonstrar sintomas decorrentes do trauma dela ou por iniciativa própria do policial, o que muitas vezes não ocorre devido ao receio de discriminação pelos colegas e superiores. Em casos normais, o policial é afastado de suas funções por determinado período para a realização de avaliação mais detalhada de seu quadro clínico e psicológico. Esse procedimento, muitas vezes, é considerado pelo policial como punição ou sinal de fraqueza. Percebe-se que, dentro do âmbito policial, não existem medidas preventivas ou políticas públicas suficientes para gerar melhoria significativa da qualidade de vida do policial.



Como exemplo, um dos relatos da pesquisa diz *“Temos muitos servidores que necessitam de apoio psicológico mas têm receio de procurar ajuda, e os que procuram são discriminados”*. Isso mostra a importância de trazer a psicologia para dentro da área policial, que muitas vezes sofre preconceito e precisa se livrar desse tabu. O entendimento psíquico proporciona melhor qualidade de vida, especialmente se considerarmos que o preconceito contra o apoio psicológico surge, muitas vezes, dos próprios superiores, como evidenciado em alguns relatos da pesquisa.

As preocupações exageradas e expectativas de resultados negativos em situações desconhecidas que desencadeiam a ansiedade são, frequentemente, acompanhadas de sintomas físicos, tais como:

tensão muscular, dores de cabeça e dores de estômago.

É importante pontuar que o estresse e ansiedade no trabalho do policial podem estar associados aos problemas psicológicos apontados nos gráficos. Sendo eles:

a própria estrutura da carreira policial e sua relação com superiores;

sua autoestima diante das atividades laborais;

jornada de trabalho excessiva;

o medo de expor opiniões e críticas com o receio de sofrer punições;

pouca perspectiva de crescimento;

sensação de impunidade;

cobranças excessivas;

remuneração baixa;

excesso de burocracias;

constante risco dentro e fora da corporação;

receio de relatar a colegas e superiores que faz psicoterapia, devido a sofrer preconceito;



Diante da falta de convênios ou meios de informações sobre apoio psicológico, a maior parte dos servidores da segurança pública, 57,9% não sabem como proceder caso adquiram ou convivam com alguém que adquira problemas de saúde mental. O acesso a esse conhecimento traria benefícios às polícias e poderia ser feito por meio de palestras, cartilhas ou campanhas virtuais, já que muitos servidores já convivem com colegas que sofrem de problemas psicológicos graves e não sabem como ajudá-los.

Outro fator a ser observado é o receio dos policiais de serem agredidos dentro do seu próprio ambiente de trabalho, ocasionando assim uma constante tensão. Isso pode trazer gatilhos para desenvolvimento de ansiedade, agravado pelo fato de muitos já terem sofrido assédio físicos, sexuais e morais, como exemplificam vários relatos da pesquisa.

Um recorte relevante a ser observado é a Polícia Federal, que mesmo com uma remuneração maior do que a da maioria das polícias do Brasil, apresentou percentual alto de respostas negativas para praticamente todas as perguntas, o que sugere que as fontes de insatisfação são as mesmas das demais polícias.

Seria proveitoso que as polícias fizessem periodicamente palestras virtuais para ensinar os servidores a gerirem suas emoções em situações de estresse, ansiedade e angústia, pois foram os sintomas mais aparentes. Um exemplo seriam as campanhas temáticas em meses específicos do ano, como o Setembro Amarelo, que visa a conscientização de prevenção ao suicídio e a valorização da vida, já que 39,6% dos respondentes afirmam já ter cogitado a possibilidade de realizar atos extremos, como suicídio. Nesses casos, é de extrema importância o acompanhamento psicológico para valorizar a vida desses policiais que, antes da profissão, são seres humanos comuns. 95,5% deles acreditam que seus superiores poderiam oferecer melhores condições para trabalhar as questões de saúde mental. Isso faz sentido, pois grande parte desses problemas é desencadeada pelas próprias atividades laborais, como alto estresse, o conflito com colegas e superiores, a baixa remuneração, falta de perspectiva de evolução na carreira, o medo de ser punido e jornada de trabalho exaustiva.

É fundamental também difundir as informações sobre a importância da saúde emocional e mental entre os servidores da segurança. A maior parte dos fatores apontados como causa do déficit emocional resultam de questões que envolvem aspectos internos das polícias e não externos (sociedade). Um acompanhamento adequado por profissionais da saúde, psicólogos e psiquiatras possibilitaria maior qualidade de vida dos policiais, como demonstram as respostas dos próprios policiais.



6. Conclusões

As evidências deste estudo apontam que as polícias do Brasil, em geral, não estão preparadas para lidar com o peso emocional do trabalho sobre a saúde mental de seus servidores, o que gera problemas graves tanto para os policiais quanto para a sociedade. Os servidores da segurança devem ter o máximo possível de apoio e estabilidade para manter suas atividades equilibradas, garantir a paz, a ordem pública e a justiça. Paralelamente, são justamente os policiais, os servidores mais submetidos a situações caóticas, insalubres e disfuncionais.

O Brasil está atrasado em matéria de gestão pública de saúde mental e o quadro revelado nesta pesquisa evidencia a necessidade de mudanças drásticas em nosso modelo de polícia. É necessário modernizar desde o sistema de recrutamento, formação, carreira, salário e suporte psicológico até o método de trabalho propriamente dito, que deveria ser baseado em um modelo técnico-científico ao invés de um modelo burocrático-cartorário. A sociedade e os gestores de política pública precisam dedicar mais tempo e atenção em meios para solucionar os gargalos que obrigam as polícias a realizarem boa parte de seu trabalho de forma ineficiente e arriscada. Isso inclui superar interesses classistas e políticos contrários à modernização do trabalho policial, tratando-os como os seres humanos que são.

7. Contatos de apoio psicológico

A equipe do NISP levantou o contato de apoio psicológico institucional de todas as PMs e PCs do Brasil para os servidores enfrentando problemas de saúde mental. Nem todas as polícias possuem esses contatos disponíveis. Segue abaixo os contatos que foram obtidos via pesquisa em sites oficiais ou por resposta a contatos diretos:

São Paulo:

PMSP: Centro de Atenção Psicológica e Social da Polícia Militar – CAS/PMESP, situado à Rua João Teodoro, 413 - Luz - CEP: 01105-000 - São Paulo - SP.
Telefones: (11) 3227-1861 e (11) 3227-1325.

PCSP: Núcleo de Orientação Psicológica (NOP)
(11) 3311-3740/3741

Rio de Janeiro

PMRJ: acessar o site Atendimento Psicológico PMERJ - Polícia Militar e fazer a solicitação

PCRJ: O núcleo atende policiais civis da ativa, de segunda-feira a sexta-feira, das 8 às 17 horas, nos formatos presencial e on-line. Para marcar consultas e obter informações adicionais, o interessado deve fazer contato por meio dos seguintes telefones:
2332-8188 / 98596-7247 / 96943-0200



Minas Gerais

PMMG: HOSPITAL DA POLÍCIA MILITAR
Tel (31) 3071-5200

PCMG: O Centro de Psicologia do Hospital da Polícia Civil conta agora com um dispositivo de escuta psicológica gratuita, para atender os servidores da PCMG. O plantão de atendimento do centro funciona de segunda a sexta, das 8h às 18h, e o contato pode ser feito também via Whatsapp pelo número (31) 998079670

Rio Grande do Sul

PMRS: atendimento individual aos militares da ativa- Agendamento pelos telefones: (51) 3288-3556 e Whatsapp 986296343

PCRS: Não Encontrado

Paraná

PCPR: O agendamento do serviço pode ser feito por e-mail ou pelo telefone do Setor de Qualidade de Vida do Grupo Auxiliar de Recursos Humanos: 41 3235-6519.

PMPR: Interessados entre em contato com a Sessão de Assistência Social, rua santo Antônio 231, Bairro Rebouças - Curitiba-PR, fone (41) 3333-2782 ou por meio do Psicólogo de sua Unidade

Santa Catarina

PMSC: Para ter acesso ao serviço de psicologia, basta procurar o Comando Regional mais próximo, ou entrar em contato pelo seguinte e-mail da Coordenação de atendimentos: dspspicoatendimento@pm.sc.gov.br.

PCSC: de segunda a sexta-feira, das 12h às 19h, através do whatsapp (48) 99124-7183 ou e-mail: saudeigp@igp.sc.gov.br (polícia científica)

Espírito Santo

Não Encontrado

Goiás

PMGO: plantão psicológico ligando para o número: (62) 3235-6172

PCGO: Telefone: (62) 3201-9585. email: dpss@policiacivil.go.gov.br

Bahia

PMBA: (71) 3117-6010. E-mail: apg.cg.@pm.ba.gov.br

PCBA: SAP - Serviço de Atendimento Policial

Amazonas

PMAM: agendamentos por (92)98842-1975.

PCAM: agendamento por dca@policiacivil.am.gov.br



Rondônia

PMRO: agendamento por 3216-8868.

Acre:

3223-8140 e 3223-7182.

Roraima:

Os policiais militares com necessidades de atendimento psicológico podem dirigir-se ao Centro de Qualidade de Vida - CQV que funciona no prédio da Academia de Polícia Integrada Coronel Santiago - APICS localizada na Av. Getúlio Vargas 4193, Canarinho ou entrar em contato com o chefe imediato para encaminhamento ao NIAB-PMRR.

Sergipe

NÚCLEO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL DA PMSE

79) 99191-3995 / (79) 99191-3896

PC AL Não Encontrado

Amapá

PM: Procurar pelo Centro Psicossocial da PM nos hospitais militares

Polícia Civil: DAPS- (96) 99118-9817.

Ceará

PMCE: csas.pmce@gmail.com

PCCE:

abipsspds@gmail.com

Tocantins

PMTO procurar o CAISPM

PCTO procurar o sinpol (63) 3217-1151

Pernambuco

PROCURAR O Núcleo de Saúde Mental do estado

Alagoas

PM-Centro de Assistência Social- O contato telefônico é o (82) 98833-4160.

PC- . Agendamento pela psicóloga da PC- Aline Damasceno pelo celular: 82 98829-0459.

Mato Grosso

DIRETORIA DE SAÚDE DA PM-MT
(65) 99972-4746

Polícia Civil: Os servidores que atuam na segurança pública podem procurar a Gerência de Saúde e Segurança da Sesp, por meio do telefone (65) 3613-5545 (65) 9 9989-8578 ou e-mail: gess@sesp.mt.gov.br.



Mato grosso do sul
PM-ASPRA-MS- WhatsApp da
associação: (67) 9 9222-2978
PC- SINPOL- sinpolms@sinpolms.org.br

Piauí:
Para agendamento e mais informações, o
servidor deverá entrar em contato pelos
telefones: (86) 99950 4569 e
(86) 98877 2263.

Rio Grande do Norte
Assistência Psicológica - ASSPMBMRN
(84) 3223-8601, de segunda a sexta,
das 8h às 12h e das 13h às 17h.

PCRN- CIASP (84) 98129-3618.

Distrito Federal:

CAPS -Telefone para atendimento.
(61) 99618-0241.

8. Equipe

Autor e Coordenador

Luciano Soncini Andreotti

Co-autores

Bruno Pereira

Rodrigo Pimentel

Gabriela Marcondes Moreira Lima

Herbert Porto

Colaboradores

Felipe Murta Timponi de Moura

Ricardo Ziegler Paes Leme Lessa

Eliel Teixeira

Rafael Erthal Corrêa de Sá

André da Silva Rodrigues Garcia

Daniel Marques Gonçalves

Diagramação

Bruno de Jesus Quintino

Agradecemos a todos os POLICIAIS que preencheram o questionário e possibilitaram este estudo.



9. REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA

<https://www.unodc.org/unodc/en/data-and-analysis/global-study-on-homicide.html>

https://montecastelo.org/criminosos-mataram-136-policiais-brasileiros-em-2021/?utm_source=rss&utm_medium=rss&utm_campaign=criminosos-mataram-136-policiais-brasileiros-em-2021

(<https://fenapef.org.br/com-alto-numero-de-suicidios-policiais-federais-fazem-alerta-e-buscam-apoio>).

MONTEIRO, Roberto das Chagas. Reflexões sobre a reforma do Código de Processo Penal. Revista dos Tribunais, São Paulo, v.91, n.800, p. 441-478, jun. 2002. Disponível em: <https://dspace.almg.gov.br/handle/11037/36693>.

<https://www.metropoles.com/brasil/escriva-de-mg-desabafou-sobre-assedio-antes-de-morrer-medo-de-falar>

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/policial-civil-mata-quatro-colegas-a-tiros-em-delegacia-e-e-presno-no-ceara/>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c8vr5vylgr0o>



10. Anexo - Depoimentos de Policiais

Depoimentos selecionados para constar no relatório:
(foram ocultadas informações que permitissem identificar o respondente ou o Estado da federação de atuação).

“Sofri assédio moral e tenho transtorno de ansiedade generalizada.”

“Fui assediada sexualmente por um Delegado e quase me matei no meio de um flagrante”

“Superiores desmerecendo subordinados, assédio moral por parte do chefe, ameaças constantes de transferência, sem motivos”

“Muita perseguição e poder nas mãos dos superiores... os recursos existentes são julgados por eles próprios”

“Sofri perseguição de superiores após formalizar ter problemas psicológicos, a ajuda foi negada com alegação de falta de vagas...oficiais superiores protegem uns aos outros, mesmo ao cometerem crimes”

“Temos muitos servidores que necessitam de apoio psicológico mas têm receio de procurar ajuda, e os que procuram são discriminados.”

“Sofri com uma punição administrativa por tentar melhorar a nossa apresentação pessoal (sugeri mudança de uniforme na instituição)”

“O maior problema das instituições é o assédio... chefes que perseguem funcionários antigos e rotulam os colegas. Aqui em XX é bem comum afastamento por problema psicológico, é só olhar o número de afastamentos por psiquiatra”

“Assédio moral é todos os dias... O tempo todo”

“Um comandante ruim tem o poder de adoecer uma tropa inteira, famílias e até uma cidade”



“Sofri assédio moral da Delegada e da superintendente em 2020. Como não estava aguentando a pressão fui fazer tratamento na clínica por quase seis meses. Tenho as provas do assédio em meu celular, mas não processei por medo. Estou trabalhando em outra unidade desde 2021, e para a minha infelicidade uma das assediadoras veio trabalhar no meu local de trabalho como Delegada adjunta. Isso não deveria acontecer de forma alguma. É um verdadeiro absurdo”

“Sofri na pele perseguição por minha chefia na época e fui acusado injustamente de crime que não cometi. Hoje tenho pavor da instituição, sempre acreditei na polícia como poder que deveria ser justo com qualquer cidadão, e acabou que quem foi vítima da própria polícia foi eu mesmo. Só quem já passou por isso vai entender o trauma que é você ser acusado injustamente de algo que não cometeu, infelizmente é um dano irreparável. “

“Já fui menosprezado por juízes e promotores no cumprimento do meu trabalho sendo agredido moralmente e psicologicamente por funcionários do MP e judiciário sendo que estava no cumprimento do meu dever como representante do Estado. Os criminosos sempre são tratados como vítimas e os funcionários do Estado como criminosos. Já fui taxado como torturador pelo MP e corregedoria do sistema prisional sem ao menos haver denúncia formal e muitos dos meus colegas também são tratados assim ou até pior, esse também é um dos grandes problemas que afeta o policial penal porque ser justo e honesto, íntegro para a nossa sociedade é ser atrasado, o correto hoje é ser corrupto e quem tem dignidade não os representa”

“Estive em depressão e consegui apoio profissional através do setor específico da minha instituição. O assédio moral é bem efetivo por parte de autoridades policiais, carga horária excessiva para quem trabalha no interior do Estado e a falta de segurança em trabalhar em delegacias onde você praticamente mora e tem que dormir para reparar o prédio, se não dormir na delegacia, é acusado de abandono de posto de trabalho, o que gera punição. “

“Estou afastado há 3 anos em decorrência de muita violência psicológica dentro da instituição, tanto por parte do secretariado, como por parte de supostos colegas que se vendem por cargo, mesmo que para isso tenham que prejudicar os irmãos de farda. Um amigo já chegou ao extremo de surtar e ir na casa do secretário que diga-se de passagem possui ligação com o PCC para acabar de vez com o problema, graças a Deus ele não estava em casa... ninguém se preocupa com nossa saúde mental”

“Nosso atual Comando Geral oprime praticamente todos os subordinados, de várias maneiras... que vão desde palavras ofensivas acompanhadas de humilhação, até perseguição em mudanças de escalas de serviços para com aqueles que não compactuam de seus ideais.”

“Muitos amigos cometeram suicídio”

“Tenho pensado em suicídio... covardia ou coragem??”

“Vejo policiais dizendo que estão prestes a matar seu superior.”



“Conheci 4 que já se suicidaram”

“já sofri assédio moral por parte de colegas e não denunciei...e com isso tive uma depressão severa, fobia e crise de pânico..inclusive com intenções suicidas.. passados 9 anos estou melhor mas ainda em tratamento”

“Sempre lembro da situação da morte do meu companheiro na favela , morreu com um tiro de G3 na cabeça, na minha frente, fiquei com vários pedaços de massa encefálica no meu corpo”

“Infelizmente já perdi dois colegas de trabalho que cometeram suicídio. Há um verdadeiro buraco negro entre delegados e a base (sejam investigadores ou escrivães). Os delegados se acham verdadeiros deuses, pois a instituição assim os trata e o restante é tão somente a plebe que deve obediência cega. Se você se atrever a questionar é punido, de forma velada, mas é.”

“Perseguição, abuso de autoridade, humilhação, assédio e má gestão. Lugar totalmente insalubre e excesso de trabalho. Já pensei em matar minha família e me matar“

“Todo policial já passou por situações que o levaram a questionar seu papel dentro da segurança pública. Um colega simplesmente desistiu de viver e cometeu suicídio por problemas pessoais e não encontrou apoio na instituição. Pelo contrário, foi cobrado além do que suportava e cometeu suicídio.”

“Já matei e quase morri, isso é ignorado na instituição e no estado”

“Eu e muitos com pensamentos suicidas”

“Fiquei afastado 12 meses pela Psiquiatria da PM-XX , tinha medo de ir ao batalhão, rasguei fardas, tentei ao máximo me desligar , tive que voltar trabalhando interno para não ser reformado por cota, onde acabaria comigo de vez... a cobrança pra voltar para não ser reformado era tão grande que trabalho com medo dobrado, mesmo que interno, se não fosse Deus e minha família, já tinha jogado a toalha.”

“Hoje tenho 9 anos de polícia e nesse período já vi vários colegas próximos cometerem suicídio ou apresentarem algum tipo de transtorno psiquiátrico ou psicológico, isso gera uma sensação de fragilidade emocional institucional, ou seja, nunca se sabe quem será o próximo a apresentar um transtorno“

“Houve um colega de trabalho que suicidou-se há poucos meses. Atualmente há outro colega que por pelo menos três vezes já apontou a arma para a própria cabeça“

“Colega de trabalho XXXXXXXXXXXX cometeu suicídio, ano de 2023. Mesmo em licença para tratamento psicológico, a Instituição Polícia Civil do XXXXXXXXXXX não recolheu o armamento”

“Colega pediu socorro desesperado, porque estava prestes a usar sua arma contra si. Entregou a arma voluntariamente, mas suplicou que tirassem a arma dele”



“Já trabalhei com vários amigos totalmente descompensados, hj na minha regional tem pelo menos 2 que falta só um gatilho pra acontecer alguma tragédia, e a secretária nada faz, na verdade geralmente faz é punir, transferir ou aumentar ainda mais o problema dos mesmos”

“Em minha unidade um colega com problema psicológico tirou sua vida na recepção da delegacia no horário do almoço”

“Eu tive uma época na qual a depressão me levou ao fundo do poço, que por muito pouco eu não tirei a própria vida, minhas 4 filhas foram minha força... hoje estou 100% curado da depressão, mas fiquei com uma sequela de crises de pânico e ansiedade, faço uso contínuo de medicamento, que me auxiliam muito”

“Desenvolvi depressão após um trauma causado por uma injustiça por ser Policial. Fui punida com suspensão de cinco dias, tive meu salário descontado, prejudicando mudanças de nível na carreira e perdi o direito de licença prêmio. Simplesmente porque o Delegado da Corregedoria quis me punir. Na época dos fatos estava de licença maternidade com um bebê de 2 meses no colo e mentiram que eu agredi fisicamente alguém, que forcei a entrada num teatro. Fiquei muito tempo afastada e queria matar os policiais e esquecer que fui Policial algum dia. Isso aconteceu em 2013 e fui punida em 2015, após a suspensão queria tirar minha própria vida. Hoje estou bem e trabalhando mas tenho medo de passar por outra Injustiça”

“Hoje me encontro em situação de reformado. Sofri um acidente em serviço e sofri maus tratos da corporação e agentes de saúde da corporação. A médica do trabalho, tentou me tirar da situação "acidente de serviço", sendo que eu ainda estava em horário de serviço, fardada, em viatura policial e com cautela de arma. Mas o maior abuso sofrido foi pela Junta médica de saúde militar. Lá sim, eu tive vontade de disparar a arma, quebrar vidros com minha muleta. Dou graças a minha família por não ter ficado com problemas psicológicos naquela época, pois a psicóloga que consultei, não dava a mínima para a minha situação. E apenas consegui minha reforma, após negativa de graduação por tempo de serviço, com advogado constituído e ameaças de divulgação”

“Bom dia, já tive bons amigos que se suicidaram e em especial dois que eram excelentes profissionais, porém faziam uso excessivo de álcool. Outro era um camarada que levava alegria e sorrisos por onde passava porém não teve a devida preocupação pela instituição como ainda não tem em desacelerar o policial para vida paisana resultado após dois anos na reserva remunerada se tornou uma pessoa infeliz e tirou a própria vida e o mais comum nos casos são a falta de capacidade de gestão da vida financeira onde de desde a formação até ao final da carreira o policial está empenhado em consignados e dívidas que influenciam diretamente na saúde psicológica dele e da família”

“Quando entrei na polícia fiquei feliz, afinal eu era um policial. Até a minha primeira troca de tiros e o delegado fez questão de colocar que eu era escrivão. Na audiência já fui questionado sobre ser escrivão e estar na rua. Respondi ao promotor que não era escrevente e sim escrivão de POLÍCIA e por este motivo poderia agir como policial. Já realizei diversas prisões sozinho e impedi crimes que ocorriam ali naquele momento”



“Quase sendo punido com suspensão por não manter o cartório em ordem após trabalhar por 11 anos em uma comarca com 6 cidades, com carceragem, 24 horas de sobreaviso de segunda a segunda, sem delegado presente e apenas um investigador por turno”

“Infelizmente já perdi dois colegas de trabalho que cometeram suicídio. Há um verdadeiro buraco negro entre delegados e a base (sejam investigadores ou escrivães). Os delegados se acham verdadeiros deuses, pois a instituição assim os trata e o restante é tão somente a plebe que deve obediência cega. Se você se atrever a questionar é punido, de forma velada, mas é”

“Por discordar de um delegado e explicar minha opinião em um grupo aberto de WhatsApp, fui representado à corregedoria via ofício por ele. Tenho 24 anos na Polícia e o delegado apenas 6. Se acham superiores e inquestionáveis.”

“Um amigo também policial militar me contou que certa vez sua filha lhe perguntou qual o cargo dele na polícia, ele muito constrangido disse que era soldado, isso lhe machucou muito pois já tinha 19 anos de serviço policial, no ano seguinte, com 20 anos de serviço foi promovido a cabo. Eu tenho 17 anos de polícia e fui promovido a sargento no final do ano passado, meu treinamento quando entrei na polícia foi horrível, muitas humilhações e com uma perspectiva dos superiores passada para os alunos de uma polícia inimiga da população. Isso tudo me abalou e continua me abalando muito, não tenho perspectiva de carreira, enquanto os oficiais que entraram na mesma época que eu como aspirantes hoje são todos Majores, muitos já perto da promoção a tenente coronel. Essa situação de ter duas carreiras na mesma instituição onde uma não possui nenhuma perspectiva e faz todos os dias o trabalho de defender direitos população, sem possuir os mesmos direitos por ser militar, enquanto a outra se beneficia do militarismo, sempre negocia com o governo obtendo sempre as maiores vantagens, possui carreira digna e sem travamentos. Todas essas questões estão me deixando realmente doente e já não possuo mais a satisfação de exercer minhas funções como policial, função essa que acredito ser muito importante pois eu sempre trabalhei na rua respeitando o cidadão, lhe orientando de forma educativa e sempre explicando o erro do mesmo e o motivo de eu estar tomando essa ou aquela decisão que iria afetar a vida do mesmo. Espero que um dia as coisas mudem e que a segurança pública seja levada a sério.”

“Infelizmente vejo nos superiores da polícia a falta de profissionalismo, gerência, liderança, administração em valorizar e conhecer seus subordinados e super egos que buscam a satisfação pessoal, privilegiando quem satisfaz seu super ego. Perda do profissionalismo e superioridade em interesses pessoais. Subordinados desmotivados com a desvalorização profissional.”

“Em uma discussão com o delegado, ele me ameaçou de punição dizendo “eu sou martelo e você é prego”

“Os superiores acham que são os donos das instituições, pensamento arcaico e perseguição”

“A polícia militar está doente, meus colegas e eu estamos doentes! Tudo precisa ser mudado! Este sistema divisor onde só os oficiais são valorizados não funciona”



“O assédio de cargos dentro da instituição policial é muito intenso, bem como os órgãos de corregedoria são chefiados pelos cargos que promovem o assédio, ou seja, quem deveria investigar e punir, perpetua a cultura do assédio”

“Os delegados criaram o cargo de Escrivão para despejar todo tipo de responsabilidade que seri dele e ter alguém pra punir. Somos os burros de carga e os bodes expiatórios da polícia”

“Os oficiais pensam só em si próprio e em prejudicar os praças, que são o que fazem o serviço de polícia. Enquanto os oficiais só ficam sentados atrás de uma mesa”

“O principal ponto em quesito saúde mental é em relação à escala e não dormir bem”.

“Vivo desde sempre em uma escala de serviço sugada em um Estado que está em guerra constante. Bandidos aqui usam armas de guerra, mas os governantes do Estado do XX não irão admitir”

“Trabalho em excesso. O número de policiais que trabalham no interior é ínfimo, muito aquém do aceitável. Isso acontece principalmente em delegacias que é muito comum investigadores/inspetores trabalharem sozinhos nos plantões e não receberem as folgas devidas e o principal, ter que levar, às vezes, sozinho, três ou mais presos para as cadeias/penitenciária/presídio, que ficam há mais de 50km de distância. Ademais, não são remunerados por todos os dias trabalhados. Não há delegados fixos nas delegacias do interior. O baixo efetivo policial é o maior dos problemas no Brasil, afetando em muito o psicológico dos servidores da segurança pública. Há diversos outros problemas, porém não vejo luz no fim do túnel. Hoje a polícia é abandonada pelo poder público e desrespeitada pela sociedade”

“O policial "bom" ganha mais carga de trabalho, mais cobranças, mais responsabilidades e menos tempo com a família e menos saúde mental para no fim não ser reconhecido, apenas ser descartável, enquanto o policial ruim está lá, de boa na delegacia... Isso faz todos adoecerem”

“Acredito que a maioria dos surtos deve-se aos abusos cometidos pelas chefias, principalmente quando colocados por meio político e não por mérito. Deveria existir uma cobrança severa da chefia sobre esses tipos de abusos disfarçados de práticas rotineiras”

“Chefe com aspirações políticas usa os policiais da delegacia para satisfazer os interesses próprios causando muito desgaste emocional. Os policiais são cobrados excessivamente para realizar prisões para dar mídia. Acredito que 1/3 dos policiais da delegacia em que trabalho, inclusive eu, faz tratamento psiquiátrico. A polícia está doente”

“Quebra de hierarquia em transferências para outros municípios. As vezes esperando 10, 15 anos para ser removido, vem um servidor com 2 anos de polícia vai na sua frente por política”



“Vejo muitos privilégios para certas pessoas dentro da instituição. Há tratamento desigual entre os colegas da mesma classe. Pessoas que trabalham mal não recebem trabalho. Pessoas que trabalham bem recebem trabalhos excessivos. Não há punição para quem trabalha mal. Isso desmotiva demais....há desvio de função... Pessoas que não exercem a função ganha gratificação de função”

“A falta de efetivo policial nas delegacias é algo estarrecedor. A corregedoria apura fatos que são, diversas vezes, para um arquivamento imediato, o que desanima a atuação policial. A falta de um núcleo de apoio psicológico no interior dos estados contribui para o agravamento das doenças psicológicas decorrentes do trabalho realizado diariamente. As delegacias, em geral, não possuem uma estrutura adequada para o bom exercício da função.”

“Já foi necessário me afastar do trabalho para fugir do mal tratamento que me causou doença psicológica . Já usei muitos remédios controlados devido ao estresse não das atribuições da profissão e sim da sobrecarga , condições de trabalho e cobrança excessiva“

“Assédio moral, carga excessiva de trabalho e dupla jornada me levaram ao uso de ansiolítico”

“Oficiais que não estão nem aí para o que possa ocorrer com seus policiais. Ex: locais de baseamento onde ficamos totalmente expostos, sem nenhuma chance de revidar a injusta agressão, No X° bpm XX, estão colocando os policiais em vias na contramão, onde veículos passam em alta velocidade, não tendo onde se abrigar, até mesmo com a violência tão grande no (nome da cidade removido para garantir anonimato), com grande índice de policiais sendo alvejados, nesse local não tem como fazer nada se fomos atacados, é só entregar a vida nas mãos de Deus, pois o único que nos protege, nem vtr com blindagem nós temos, somente alguns ganharam, faço parte de setor, onde vamos para as ocorrências, mas não estão nem aí com nossa segurança”

“Moro a 200km de distância do meu trabalho, já pedi transferência e não fui atendido. Isto me proíbe de estar com minha família“

“Atualmente percebo uma crescente desvalorização da atividade policial na PXX e o desmerecimento constante das funções e atribuições exercidas. Ponto importante é que as atitudes são oriundas das esferas de gestão e se ramifica até os setores menores na estrutura administrativa que são as Delegacias, em tese, bem mais próximas aos policiais que gerenciam. Uma perspectiva que não acreditaria encontrar na PXX seria a busca desequilibrada por números estatísticos a qualquer custo. Recentemente, em meio ao auge do período pandêmico da COVID, promoviam comandos de alcoolemia e a exposição do policial, por metas, à contaminação viral. Tal período revelou de fato o caminho que a PXX trilha ao longo dos anos que são a busca incessante pelos números, ainda que isso se molde à configuração do assédio moral aos policiais. Tal fato vem se agravando pelos moldes que se busca na estrutura da carreira que é a redução gradual da autonomia policial”



“Muitas vezes nossos comandantes nos forçam a fazer trabalhos que não nos dizem respeito. Por exemplo: Doido surtou no hospital, isso é um caso de saúde pública que tomamos para nós”

“Se o policial pedir apoio para algum problema psicológico, eles automaticamente o desarmam e proíbe o PM de fazer DEJEM e a própria segurança, assim o policial passa a ter mais problemas e assim ninguém procura ajuda”

“Tive vários eventos de assédio dentro da corporação com comandante de CIA, com administração, já me senti perseguido por oficiais, falta de plano de carreira juntamente com a alta carga Horária, destrói o servidor, tira o mais importante para o psicológico do ser humano que é tempo de qualidade com a família, filhos ,etc. Ainda precisamos fazer horas extras para complementar a renda!! Ou seja tempo de qualidade com a família é quase zero”

“Inércia de comandantes com relação à saúde mental e à questão espiritual. “

“policial de serviço comigo armado, com sinais de descontrole por problemas de cunho pessoal... informei o nosso superior para providências, porém no serviço seguinte esse policial já estava lá sem nenhum tipo de atendimento psicológico”

“Já fui atropelado em serviço e não tive nenhum apoio da instituição. Hoje sofro com as sequelas deste acidente”

“devido às cobranças excessivas por parte de superiores de metas absurdas, desleais e desumanas. E isso me adoeceu. Passei por problemas de estresse, transtorno de ansiedade e depressão. Estou a quatro anos me tratando com psiquiatra e na cidade onde moro não há psiquiatra conveniado”

“Trabalho em readaptação após passar por problemas de saúde, devido ao excesso de trabalho passei a apresentar transtorno de ansiedade, faço tratamento psiquiátrico com medicamentos tarja preta. Ainda não recebi atenção psicológica por parte da instituição, me sinto abandonada, com problemas no desenvolvimento do trabalho e sem perspectiva de mudança.”

“O sistema de apoio à saúde mental da PXX é fraco e sofre descontinuidade constante do seu contrato. Tive meu atendimento parado por não ter sido possível renovar com a profissional. E os servidores da equipe de saúde mental na instituição não demonstraram empatia com meu caso e de outros colegas que passaram por situação semelhante. E mesmo isso ocorrendo, quando acontece um novo suicídio de servidor (o que é sempre uma questão de tempo para que aconteça), os gestores parecem ficar surpresos.”

“Tive síndrome do pânico, depois de mais de 2 anos de tratamento tive alta médica, e me sinto melhor, mas dentro da instituição muitos achavam e acham que era tudo mentira , que eu usava essa desculpa para faltar ao serviço. Fui perseguido, levei vários nomes , fui assediado por chefes de todas as formas, mas estou vivo, recuperado e aqui para relatar o acontecido. Quem tem problema psicológico dentro da instituição não é amparado.”



“A PM do meu estado hoje possui somente 1 psiquiatra e apenas 2 clínicas que atendem policiais para consultas médicas. Eu fazia tratamento com psiquiatra quando tinha plano de saúde, após as dificuldades financeiras, e ter que cancelar o Plano de saúde privada, nunca mais tive uma assistência de saúde mental com qualidade.”

“Já vi e trabalho com colegas com problemas graves de ordem psicológica, inclusive com o uso regular de remédios controlados tendo surtos, sendo afastados por longos períodos do trabalho e retornando sem a solução do problema e o que é mais grave, todos com porte de arma ativos!”

“O sistema de apoio psicológico não funciona, na prática só se passa um pano por cima.”

“Caso do massacre na penitenciária agrícola do meu estado há cerca de uns 5 anos. Foi terrível para os policiais envolvidos. Não houve preocupação em fazer um trabalho de atendimento psicológico. Alguns no meu setor tiveram problemas e procuraram assistência por recursos próprios, tendo que sair da função devido ao trauma sofrido.”

“Faço tratamento particular e em segredo para evitar piadas dentro da corporação”

“O programa de saúde mental oferecido pela instituição é horrível e fica bem claro que querem te colocar de serviço a todo custo, infelizmente temos muitos policiais adoecidos no serviço operacional fazendo coisas horríveis, lamentável”

“A instabilidade emocional diante de vários problemas laborais é vista como fraqueza, dentro da instituição policial, motivo pelo qual, muitos colegas as escondem, demonstrando indiferença emocional, quando na verdade já estão emocionalmente perturbados”

“Tenho várias experiências em meus mais de 20 anos de PM, mas a pior de todas é a salarial, sempre foi indigna. E sempre será!!!”

“Lidamos com criminosos que tendem a ter muito dinheiro pela atividade criminosa, ao passo que nossos rendimentos são insuficientes para o básico, passando a sensação de que o crime não só compensa, como é a única opção para dar uma vida digna para nossos familiares”

“Assim como boa parte dos servidores públicos atualmente, policiais estão endividados, mas possuem uma arma de fogo em casa. Ademais, sugiro discussões que envolvam também soluções para além do aumento salarial, como incentivos/prioridade em acesso à escolas, incentivos para adquirir imóveis para moradia e veículos, taxas melhores para financiamento de dívidas, plano de saúde digno e, mais complexo, uma discussão sobre a responsabilidade penal do policial que atua de forma legítima, sem segurança jurídica. Policial que segue um manual, um procedimento, ou ainda que erra (excluo nesse rol o dolo, os crimes de "grupos de extermínio", etc) ou que não teve capacitação adequada não pode ser julgado no tribunal do júri. Precisa ser tecnicamente julgado por um juiz. O simples fato de entrarmos com a pecha de "policial" num júri já significa uma desvantagem. A sociedade brasileira precisa enxergar o policial como um trabalhador vulnerável, exposto à agressões físicas e mentais diariamente, com uma arma de fogo em casa. Nada disso que aqui relato é novidade na maioria dos países sérios.”



“Na minha instituição, desde que ingressei (há 11 anos), muitos colegas cometeram suicídio. Não temos plano de carreira, não temos nenhuma progressão salarial ou de cargos, ganhamos um dos piores salários de XXX do Brasil (cerca de 1900 reais sem Horas Extras), nosso salário base é cerca de 700 reais e muitos colegas fazem bico para complementar sua renda. Atuamos 24h/dia nas ruas em ações de combate e prevenção ao crime, patrulha Maria da Penha, Patrulha Escolar, Patrulha Rural e não temos NENHUM apoio ou perspectiva de melhora vinda do Executivo Municipal. Único discurso do executivo é de que nos forneceram fardamento e viaturas novas, como se isso fosse pagar o financiamento, os empréstimos, o plano de saúde, a escola ou a Terapeuta Ocupacional do meu filho pequeno. Assim como muitos colegas, voltei a estudar para tentar buscar outro emprego e, talvez, até mesmo abandonar a área de segurança Pública, que sempre gostei e sonhei em atuar.”

“Vi a corregedoria protegendo membros da própria corregedoria que cometeram desvios funcionais.”

“Superiores exigindo ações alheias ao que é prescrito em regulamentos e leis, para se beneficiarem como se donos fossem do orçamento público, se utilizando de veículos oficiais como se deles fossem, se utilizando das marcação de viagens com cunho particular se travestindo de viagens a trabalho, benefícios de utilizarem os equipamentos do órgão para proveito próprio“

“A corrupção sem freio é o principal motivo de tanta revolta e insatisfação entre os profissionais da segurança pública. A começar dos coronéis e delegados da polícia civil“

“A corrupção, escala ruim, péssima administração e ordens absurdas são os quesitos que mais afligem a mente dos policiais militares no (cidade omitida para preservar anonimato). Se você não faz parte do sistema corrupto você simplesmente é punido com uma escala de trabalho ruim. O policial tem que se corromper pra ter escala boa, seja pagando os seus superiores ou fazendo favores, exemplo é indo buscar o dinheiro da corrupção na rua pra levar pra eles. Por esses motivos o policial não tem ânimo de fazer um bom trabalho e isso reflete muitas vezes na sua casa pq ele trata mal a sua família por conta do estresse no serviço”

“Meu setor trabalha com informações sensíveis, possuindo muitos processos sigilosos. Porém, a justificativa para o sigilo virou regra, ocultando ações pessoais dos gestores. Por exemplo: registro de viagem a serviço, no entanto, o gestor foi assistir a um jogo de futebol. Considerando que não há como denunciar sem sofrer retaliação, pois não há proteção para o denunciante, os servidores ficam de mãos atadas. A única saída é “fingir que não viu”. Contudo, tudo isso traz muito desconforto mental. Caso o servidor não faça o que o gestor pede, certamente sofrerá assédio moral, muito comum no serviço público, porém com poucas denúncias, justamente pelo medo de sofrer retaliação e aumentar ainda mais o sofrimento”.

“Por inúmeras vezes prendemos criminosos em comunidades e ao invés de colocarmos o detido na viatura e conduzi-lo rapidamente e em segurança para a Unidade Policial, o delegado mandava a gente esperar por horas no local até que ele e uma equipe de um canal de TV chegassem para fazer reportagem e ele sair na mídia como o responsável pela prisão. Com isso, nos colocava em risco de ficar ali parado com um criminoso dentro da viatura, Ficávamos parados sem trabalhar e ainda submetemos o preso a ficar horas algemado dentro de uma viatura”



“O modelo de Polícia Judiciária que ainda vigora no meu Estado está por completo ultrapassado. Precisamos urgentemente separar as atividades de inteligência das atividades de investigação e ainda compartimentar esta última! Há muito a ser melhorado, especialmente em relação a procedimentos de gestão.”

“Entre na polícia para prender bandido, mas passo o dia resetando senha de e-mail”

“pra fazermos estatística, por inúmeras vezes a chefia mandava irmos numa área com usuários de crack pra fazermos produção. Mandavam a gente buscar os craqueiros dizendo a eles que era para irem para a delegacia fazermos um cadastro deles. Mas na verdade, pegavam a droga encontrada no local e cada um deles assinava um TCO de usuário para manipular as estatísticas de produtividade da delegacia. Ao reclamar fui ameaçado de punição”

“Experiências frustrantes de estar o tempo todo prendendo os mesmos criminosos e quando enfim este é preso em definitivo já existe outro estruturado para ocupar o seu lugar e aí começa tudo novamente por um longo período. Frustração de chegar em ocorrências e não resolver o problema do cidadão, simplesmente mediar um conflito e entregar um papel para cada parte, com uma data para uma audiência no fórum, marcada para 2 ou 3 meses posteriores ao fato, onde iniciaram as tentativas de resolução do problema. Muitas vezes neste período de espera, a mesma ocorrência se repete algumas vezes, vindo a agravar a situação em alguns casos. Frustração de ser tratado como um número, muitas vezes, pelo Estado, e tendo que gerar números estatísticos que não refletem a realidade de um produto, sensação de segurança, que não possui uma medida mensurável em números, porque depende de fatores alheios a atuação proposta em metas, mas sim é mensurado pela experiência de cada cidadão com a situação criminosa, o tempo pós crime, o local onde mora, trabalha, escola dos filhos, situação financeira, entre tantas outras variáveis”

“O modelo de Polícia ultrapassado, burocrático e ineficiente do Brasil é um dos grandes problemas da saúde física e mental dos seus componentes”

“Tenho total aversão a processos burocráticos, já possuo cargo de gestão, porém sempre que implemento ideias desburocratizantes, e tenho muitas, sou frustrado com superiores que insistem em permanecer no passado, longe das aplicações futurísticas”

“Cobrança excessiva. Burocracia em conseguir ser transferido para outra cidade, o qual é motivo de insatisfação de grande parte da tropa”

“A uns 5 anos atrás, fui perseguido pelo meu comandante direto e assim o mesmo me deixou tão irritado que acabei perdendo o controle e quase o agredindo e por sorte acabei procurando uma ajuda externa de um profissional e paguei do meu bolso pois não é normal vc acordar às 05 hs da manhã para ir trabalhar e mandar sua mãe tomar naquele lugar, então graças a Deus consegui parar e buscar ajuda mas vejo muitos policiais que não tem a mesma sorte que eu tive e não tem essa chave ou esse start de parar e perceber que algo está errado”



“Pedi exoneração em 2021. Sofri assédio moral, misoginia, convivi com corrupção, falta de estrutura.... Gestão. Um inferno. Entrei em depressão, tive muitos pensamentos suicidas. Vc não tem pra quem reclamar. Os delegados são figuras despreparadas e egóicas e o corporativismo da corregedoria só pune o pequeno. Respondi um processo disciplinar cavado e cheio de vícios processuais e de mérito e isso hoje pode me atrapalhar para tomar posse em outro cargo, aliás, está efetivamente atrapalhando. Fui punida pq o delegado acha plausível que vc ande na viatura sozinho. Enfim.... Marcas que nunca esquecerei e que ainda produzem consequências psicológicas fortes”

“Sofri assédio moral por parte de uma Delegada, e ao relatar isso, ouvi piadas , não tive apoio pra poder ir pra corregedoria..ao contrário fui desencorajada a denunciar...tive problemas psicológicos Depressão, estava grávida e não consideraram meu caso como prioridade para uma remoção , depois de relatar tudo e levar laudos e exames ainda me negaram a remoção para um local mais próximo da família... depois de tempos me removeram...para um local sem condições de trabalho...a delegacia parece um lixão, extremamente insalubre..sem estrutura e qualquer segurança e sem delegado, sem pessoas pra ajudar.. fazendo serviço que não é da minha atribuição...salário altamente defasado.. sem perspectiva de melhora...trabalho injusto... sem pessoal ... parece que somos escravos do estado , penso todo dia na exoneração..mas tenho filho..e nada importa ...estou em estado crítico de saúde mental...mas não existe apoio ..não existe um programa pra ajudar...te tratam como problematico...falta tudo....o mínimo...o trabalho excessivo...deviam ser obrigado a ter uma reestruturação de trabalho..atribuição ...a escravidão só acabou pra alguns ..pois pra polícia e principalmente pra escrivão continua. Chefes que submetem seus subordinados a fazer atribuição deles”

“Estou em tratamento psiquiátrico e afastado do trabalho por aproximadamente 4 meses. Além de não ter nenhum suporte psicológico por parte da instituição, toda vez que vou passar pela junta médica da polícia é uma tortura psicológica. Já pensei em denunciar na corregedoria várias vezes, mas tenho medo de represálias. Eles simplesmente acham que estou mentindo, fazem piadinhas, comentários desrespeitosos e invasivos. Tenho crise de ansiedade toda vez que vou lá. Passo mal antes e geralmente saio de lá chorando. Em uma das vezes já pensei em até pedir desligamento da polícia, só não fiz pq não tenho como me sustentar sem meu emprego. Enfim... é desesperador a falta de respeito e de empatia conosco. Me sinto constantemente humilhado no ambiente de trabalho. Tenho crise de ansiedade só de conversar com alguém de lá. O pior de tudo é saber que nunca vai mudar. Estou tomando medicação, fazendo terapia e mesmo assim a ansiedade não vai embora. É triste! Demorei e lutei tanto pra passar num concurso público e agora me encontro nesse estado”

“Temos 4 viaturas para escoltas e estamos com 450 presos. É uma luta diária para conseguirmos realizar todas as escoltas previstas, visto que, aqui em XXXX, somos nós, Policiais Penais, os responsáveis pela audiência de custódia. Muitos colegas estão respondendo judicialmente por não conseguir conduzir os presos para audiência de custódia, justamente em função da falta de viaturas, viaturas sucateadas e falta de efetivo para realização das mesmas. Já não bastasse a pressão que vivemos dentro de uma cadeia, agora também vivemos a constante pressão por parte do judiciário de XXXX”



“O policial trabalha 12h na rua direto sem descanso, só 1h para o almoço. A escala é muito ruim, tem a escala de 12x24 por 12x48 é desumano, trabalhar um dia de manhã cedo 5h da manhã até 17h e no outro dia 17h da tarde até 05h da manhã. Não existe organismo que aguente essa escala de maluco. Só existe essa escala na polícia do XXXX. Todas as outras forças de segurança tem uma escala melhor. Precisamos de uma única escala padrão para todos nós. Precisamos de um salário digno que dê para vivermos sem precisar fazer segurança na folga ou RAS. Precisamos de um plano de saúde para nossa família. Precisamos de vale transporte justo e não R\$100,00 para o mês todo. A nossa polícia tem que mudar muito ainda, e nos dar apoio em nossa profissão”

“Fui baleado dia XX/XX/XXXX, logo na época da eleição e toda a estrutura estatal fingiu que se importou. Psicóloga me ligou e informei que a viatura quase não funcionava na hora de ir ao hospital, que saí bem mais tarde do horário por causa do tiro que levei, reclamei das péssimas condições de trabalho e a PSICÓLOGA DA PMXXX me disse "você já sabia que seria assim quando fez a prova, se não está de acordo por que não pede pra sair?" troquei tiro, tomei tiro, fiquei com um projétil alojado no braço, removi o projétil e no dia seguinte da remoção do projétil já estava trabalhando dentro da favela... não havia nem absorvido o que tinha acontecido, estava distraído com o ocorrido e com alguns episódios de dissociação. Procurei acompanhamento por fora enquanto trabalhava e paguei por isso”

“Sinto vontade de matar quando me sinto desafiado ou desrespeitado. Tenho pensamentos suicidas”

“Fui rendido e feito de refém pelos presos ,sofri agressões e meu corpo foi quebrado assim como minha dignidade. Fui tratado como um nada pela instituição e pelo judiciário ainda pior, pois os que cometeram essa violência saíram ilesos e sem punição”

“Acredito que a maior de todas as causas dos problemas psicológicos é a frustração. De todas as opções que marquei, o resultado delas é a FRUSTRAÇÃO que o Sistema tem deixado nos profissionais de Segurança Pública”

“Nossa chefia pegou no pé de alguns agentes, inclusive eu, por conta de cobranças do plano de carreira, denúncias de péssima qualidade nas dependências e viaturas. Forma de punição, fazer hora extra somente no final de semana, sendo que outros agentes estão liberados para fazer em qualquer dia da semana. Ameaças de ser tirado do patrulhamento de rua, por conta de ganhar um acréscimo no salário e o cumprimento de algumas ordens ilegais, a qual não cumprimos. Tudo isso pelo secretário que é um sargento da reserva da PM”

“A PM-XX consegue fazer exatamente o contrário de como deveriam ser as coisas, policias com dez anos em diante, em escalas e horários que não condizem com seu tempo de polícia sua idade e suas condições de saúde, em contra partida, vemos polícias recém formados com um tipo de "condições de trabalho" relativamente confortáveis se comparado com seu tempo de serviço. São conceitos que deveriam ser revistos para um bem maior da comparação”



“Superiores corruptos que punem direta ou indiretamente quem não concorda com eles. Colegas com claros problemas psicológicos que não são chamados atenção e colocam em risco a vida de outros quando estão alterados. Muita demanda para pouco efetivo e a cobrança existe independente de se ter como fazer o trabalho. Impunidade com os internos que desrespeitam os policiais e nada acontece”

“Três colegas de farda já se mataram”

“Atualmente há na polícia penal uma servidora que tentou suicídio mais de uma vez nas duas últimas semanas, teve sua arma recolhida e mesmo assim continua com acesso a armas durante os Serviços, com frequência ameaça tirar sua própria vida e de outro servidor, ela ainda foi diagnosticada com bipolaridade e mesmo com isso a gestão da SEAP não solicitou seus laudos e lotou a servidora no mesmo prédio de um dos ameaçados por ela. É importante saber que todo o caso é do conhecimento do secretário, chefe de gabinete e mesmo assim não foram tomadas as devidas providências”

“A perseguição dentro da PM, e falo por ela pois ja faz 10 anos que faço parte da mesma, sendo assim eu falo por experiência, é que se um comandante não gosta de você e você é transferido, um liga para o outro e faz recomendações para tornar perenes o ciclo de perseguições. O pior de tudo é ver que muita dessas perseguições são cometidas por oficiais corruptos contra praças idôneos”

“Infelizmente para o estado o agente é apenas um número e pouco importa a sua condição fora da instituição, apenas importa a sua conduta no trabalho e se não fará nenhum ato que poderá denegrir a imagem da instituição. O estado precisa primeiro ver seu funcionário, suas condições de trabalho e se possível de vida tbm, para que assim ele possa dar seu máximo e poder satisfazer os anseios da sociedade”

“O regulamento disciplinar da polícia militar precisa ser mudado, porque ele facilita o mecanismo de corrupção interna e daí surge toda espécie de males aos policiais. É um regulamento que dá super poderes aos oficiais para perseguir e afligir psicologicamente os inferiores hierárquicos fazendo com que a engrenagem da corrupção interna e VELADA continue a todo vapor e a grande maioria tem medo de denunciar e sofrer até graves consequências. Enquanto o regulamento continuar o mesmo, será muito difícil evitar o impacto negativo no psicológico da tropa, porque o regulamento sustenta o sistema”

“Eu e alguns colegas de trabalho fomos transferido por perseguição pelo antigo diretor sem justa causa, ficamos 06 meses numa unidade distante a 240 km da nossa unidade, a justiça após 6 meses reconheceu que a transferência foi perseguição pessoal, retornamos a nossa unidade, mais alguns colegas ficaram com o psicológico abalado, fazendo tratamento psicológico. Inclusive eu”

“Fiquei 18 meses de atestado médico psiquiátrico. A causa foi justamente excesso e a constância de estímulos ruins no ambiente de trabalho. Eu consegui perceber que estava perdendo o controle emocional e busquei ajuda. Eu realmente pensava em matar o meu chefe com uma facada no pescoço. Agora estou melhor e aprendendo a lidar com as emoções foi essencial”



“Recentemente tive que fazer um curso onde fui convocada, sem opção de decisão. Esse curso envolvia materiais de menor potencial ofensivo. Fui submetida a gás de pimenta no rosto, lacrimogêneo e inclusive choques que deixaram marcas no meu corpo. Passei dois dias em choque psicológico, após o curso. Depois disso, eu tive a percepção de quanto o sistema me adocece. Ninguém merece passar por uma situação como essa, isso é muito abusivo. Gostaria de propor uma solução: utilizar seus profissionais de outras maneiras dentro do sistema, nem todo mundo é operacional, e está tudo bem não ser! Por mais respeito!”

“Há discriminação funcional dentro da instituição mesmo as leis dizendo que tem que ser carreira única. Os comandantes simplesmente deixam alguns servidores marginalizados”

“Endividamento dos policiais seria uma condição que traz transtornos ao ambiente de trabalho e casa”

“As escalas de trabalho são usadas para punir os policiais ao invés de pensadas para melhor atender as necessidades da população. O Alto Comando cria propositalmente um clima ruim para o trabalho da tropa, forçando todos a trabalharem descontentes e com a moral baixa”

“Atribuições de chefia tem que estar disponível para todos que tenham competência para chefiar e não apenas para uma única carreira policial, modelo arcaico no Brasil”

“Sou conselheira e tenho na minha instituição 3 policiais com grande risco pra suicídio. Isso apenas o que veio me procurar ..somos 700 PMs”

“Nossos comandantes não tem nenhum preparo ou disposição para atender e ou ajudar um subordinado que está passando por problemas psicológicos”

“A maioria dos policiais militares aposentados que eu conheço sofrem de distúrbio do sono ou outras doenças psicológicas”

“Somos apenas números (RG) MORREU? TEM MAIS UMA LONGA FILA ESPERANDO PRA ENTRAR. OU SEJA, A VIDA DO POLICIAL NÃO TEM VALOR! OS SUPERIORES E GOVERNO NAO ESTA NEMAI PRA SAÚDE MENTAL DO POLICIAL E MUITO MENOS DE SEUS FAMILIARES, QUEREM QUE SEJAMOS COMO MÁQUINAS. TRABALHAR NA FOLGA PARA CONSEGUIR TER UM PINGO DE DIGNIDADE, CONSEGUIR IR E VIR DO SERVIÇO COM SEGURANÇA, POIS SE DEPENDE DE TRANSPORTE PÚBLICO É MAIS UM RISCO E A CORPORACÃO ACHA QUE COM 100 REAIS POR MÊS É POSSÍVEL IR E VOLTAR DOS SERVIÇOS”

“Muitos polícias não procuram ajuda, pois existe uma grande discriminação por parte da própria instituição, alegando que é frescura, que está dando golpe, dentre outras. Na minha unidade todos os anos, temos colegas que comentem suicídio. Mesmo, a tropa falando com os superiores. Infelizmente, não existe um trabalho com profissionais, pois não é o foco da instituição os profissionais, e sim o serviço. Existem muitos problemas e falta de assistências: psicóloga, espiritual, médica,... Enfim, não há auxílio à tropa e ela está doente”



“Após desenvolver ansiedade, depressão e síndrome do pânico passei pela maior frustração profissional. Meu CMT de batalhão, Ten Cel PM XXXXX, infelizmente ceifado pela covid, me chamou em sua sala para me questionar sobre fatos que eu discordava. Mesmo estando psicologicamente doente fui chamado de inútil, pessoa que não serve para nada, imprestável e outros adjetivos. Na época do fato já estava em tratamento e com dispensa médica, mas isso não foi suficiente para que não fosse maltratado. Os superiores hierárquicos encaram que seus subordinados estão somente tentando ganhar folgas e que os cuidados psicológicos são uma besteira. E isso ocorre em todos os escalões”

“Tenho vontade de tirar minha vida, estou muito cansado de tudo”

“Acredito que a grande quantidade de carga horária, somados às noites sem dormir, a cobrança interna, seja um dos principais pontos para problemas psicológicos. Ainda existem outros fatores, distanciamento familiar, dificuldade nas promoções "normais" e facilidade para alguns poucos influentes políticos. Alimentação em horários aleatórios. Parte da população que está ao lado de quem na verdade está errado, e desrespeitam os policiais”

“A PM-XX não apoia o policial, nunca apoiou, já passei por situação em ocorrência que tive a penalidade de armar e desarmar por 180 dias, não me deram amparo nenhum, até parecia que eu era pior que os meliantes. A PM-XX não apoia o policial pra ficar próximo de sua família, quando não é a distância na cidade de atuação é nas cargas horárias, que na maioria das vezes são pelas escalas voluntárias para melhorar o salário, que o PM é basicamente forçado a trabalhar em razão do baixo salário. A PM-XX há anos vem diminuindo seu efetivo, todas cidades aumentam bairros e automaticamente o número de habitantes, bem como a criminalidade, mas a PM-XX não se esforça para melhorar o número de efetivo e sim cobrar dos poucos que ainda restam a manter os indícios criminais em níveis baixos, o que ocasiona a pressão psicológica do efetivo, cansaço e estresse. Enfim, não passamos de números e massa de manobra política”

“Os critério objetivos de promoção tem aparência de legalidade, mas está muito longe de ser justo, tendo em vista o critério de pontuação por ficha, de modo que nem sempre o bom policial é o que consegue ter boa pontuação, a qual contempla de fato aquele que é mais "esperto" ou que recorre a métodos muito questionáveis no aspecto ético para conseguir boa pontuação de ficha, que vai ser levada em conta para a promoção no critério que é chamado de merecimento”

“Eu tive em minha carreira dentro da PM, dois casos dentro desta instituição. Um PM com muitas dívidas e salários muito baixos, aloprou saiu de si e foi com a arma atrás de alguns superiores, no fim foi internado com seu psicológico muito afetado. O outro caso um PM aloprou e se armou e foi até a avenida perto do Batalhão sequestrou um motorista passou em uma base da PM e levou as armas dos militares pois tinha problemas psicológicos e salários muito baixos. Esse é sempre o maior problema dentro da instituição, salários muito baixos pela missão que cumpre”



“Tivemos um caso em um curso de formação que o colega surtou e causou um mal estar bem ruim pro grupo durante o curso. Nas instruções com arma todos ficavam apreensivos. E a coordenação não soube lidar com o caso, não advertiu e tão pouco demonstrou habilidade com o policial a ponto de todos se afastarem dele”

“A estrutura adocece os policiais, a convivência com o mal, mortes, suicídios, violência doméstica, afetam bastante o espírito do agente que ali chega no momento da ação. Algo precisa ser reavaliado”

“Teve uma vez em que fomos acionados para uma ocorrência de roubo com restrição de liberdade em que depois de os autores do crime efetuarem seis disparos de arma de fogo contra minha guarnição, graças a Deus nenhum atingiu ninguém, conseguimos prendê-los, salvar a vítima seu veículo, poucos dias após tive o desprazer de ser citado em um documento para eu responder sobre a avaria da viatura, nem sequer me perguntaram se eu estava bem psicologicamente, notei que o bem material está sempre em primeiro lugar na instituição. Outra vez foi quando evitei uma fuga de presos em um presídio federal em que acertei os dois furtivos impedindo a fuga e ninguém mais me procurou para saber como estava meu psicológico, para ver se teria afetado meu comportamento diante do serviço, novamente percebi que sou só mais um que deve cumprir seu dever e seja o que Deus quiser”

“Estou afastado dos serviços operacionais por ordem médica e estou fazendo terapia com uma psicóloga, estou trabalhando no administrativo por estar com restrições para trabalhar com armas. Isso tudo aconteceu por perseguição do ex Comandante do meu batalhão, hoje faço terapia com uma psicóloga da instituição para poder voltar a trabalhar operacionalmente”

“A falta de um plano de carreira com aposentadoria especial para as Guardas Municipais, faz com que tenhamos que trabalhar por muito mais tempo que outras instituições de segurança chegando no limite da nossa saúde física e mental. Não raro, temos casos de colegas que morrem pouco tempo depois de se aposentarem”

“Conheci um policial de outra unidade, sempre ia onde trabalhava levar alguns sentenciados, parecia uma pessoa normal, mas infelizmente mês passado cometeu suicídio, então, deveria haver palestras, não só em determinada semana, mas sim constantemente, pois a intenção suicida se camufla de diversas formas e comportamentos, as vezes totalmente invisível”

“Um colega de trabalho cometeu suicídio, após sofrer um bom tempo com depressão. Faltam profissionais na área em questão”

“A grande verdade é que de cada 10 policiais que conheço, sete tem algum distúrbio emocional que se apresenta de várias formas: Dívidas; alcoolismo; isolamento social e familiar; excesso de serviço extra como forma de fugir da realidade da família; síndrome da perseguição; stress funcional; assédio moral e desejo de suicídio”

“O pior de tudo é vc viver no combate diário combatendo o crime e qdo vc obtem êxito numa ação é tudo em vão pois as leis brandas desmotivam o policial e acelera o processo de novos criminosos nascerem com toda impunidade e tmb a cada dia as policia de mãos atadas pelo próprio judiciário”



“Precisa-se com urgência e emergência recuperar ou ao menos remediar a saúde psicológica dos policiais militares e de suas respectivas famílias. Fazer um trabalho minucioso, com profissionais especializados de identificação dos casos de psiquiatria e psicológica”

“Por volta de 2015 tive ataques de pânico e início de uma depressão. Iniciei tratamento particular sem informar colegas, tomei alguns remédios e mantive a terapia até receber alta. Hoje estou melhor e tento me manter firme e sempre que posso indico colegas ao meu terapeuta. O que mais me abala hoje é a falta de condições estruturais, colegas envolvidos com corrupção e cobranças absurdas dentro do regulamento militar que é arcaico”

“Fui baleado por duas vezes em situações diferentes de serviço e nunca tive apoio psicológico nem pra quanto família, sempre trabalhando na parte operacional em combate por 28 anos e quando precisei de ajuda não tive, estou me tratando com médico particular. A sensação quando viu na junta médica é q vc é apenas número e em 5 minutos eles querem te avaliar e verificar se o laudo q vc leva do seu médico e real. Sem humanidade nenhuma”

“O assistencialismo exacerbado para com criminosos. Enquanto nós (Policiais), o braço direito do Estado somos marginalizados e tratados com descaso e falta de respeito. Os policiais são tratados como vagabundos e os vagabundos e criminosos são "vítimas" da sociedade . Inversão de valores”

“desabafo; policiais estão doentes, seja com problemas diversos. dívida ,familiar ,psicológico oficiais superiores arrochando péssima condições de trabalho sem um plano de carreira decente sociedade injusta e judiciário conivente com os criminosos”

“Já tive contato com um colega que ameaçava tentar suicídio, ficou pouco tempo afastado com restrição de armamento, porém logo retornou para a escala de serviço, passando a usar arma novamente sem ser acompanhado com psicólogo por um período razoável”

“Certo dia um companheiro de trabalho apresentava sinais que não estaria bem psicologicamente. Foi comunicado aos superiores que o colega aparentava estar no limite para surtar e retirado da viatura para tentar se acalmar. Convencemos os superiores a deixá-lo no quartel enquanto o restante da tropa saia para o patrulhamento. Quando retornamos do patrulhamento no início da noite o oficial tinha deixado o policial quase em surto tomando conta da armaria(com todos os fuzis, pistolas e vários outros equipamentos)”

“Em 27 anos de carreira já perdi pelo menos 4 colegas próximos por suicídio”

“O fato de ser PM já é mal visto pela sociedade, carregamos junto outros adjetivos como: corruptos, mal preparados, “passa fome”, mal educados, covardes, pobres, “sem futuro”, analfabetos, incompetentes... Isso nos entristece, tanto profissionalmente quanto no seio familiar.”



“Enquanto a etimologia das palavras “polícia” e “política” continuar a ser mantida, nunca teremos polícia de verdade. É vergonhoso e uma piada de mal gosto a situação policial brasileira e não é de hoje. Dá vergonha de dizer que somos “polícia”. Porque nada de polícia temos ou fazemos, a não ser a arma e o distintivo. A situação perdura com a mesma intenção, conceito e sistemática centenária enraizada até os dias de hoje. A polícia não é polícia, não faz trabalho de polícia e é somente um fantoche do Governo. Sua mentalidade administrativa não evoluiu. Quanto aos cargos: escrivão não é escrivão, é mero operador de sistemas e digitador de b.os. Investigador não é investigador, é mero entregador de intimações e trazedor de ocorrências, e sua função é apenas trazer casos da rua e desovar no Distrito Policial, aguardando o escrivão iniciar o b.o, aguardando o escrivão fazer a requisição de perícia, aguardando o escrivão cadastrar as partes, aguardando o escrivão gerar e imprimir oitivas e demais peças e etc... O investigador, portanto, é o peão do tabuleiro de xadrez que serve para morrer à toa ou se suicidar para o sucesso do rei e da rainha (delegados e demais autoridades). Outrossim, a Polícia Civil só serve para manter o sistema funcionando e engraxar as engrenagens. Dizer “Escrivão de Polícia” ou “Investigador de Polícia” é uma verdadeira mentira!!!! Pois de “polícia” nenhum dos dois tem nada. Suas funções, na prática, são desviadas e meramente para manter a coisa funcionando e fazer os demais sorrirem. Existem dois perfis de “policiais” (entre aspas) na Instituição Policial Civil: os funcionários e os sócios do sistema. De chefe para cima se é sócio; abaixo, se é funcionário. Enquanto as raízes, mentalidade administrativa e forma de mandar e trabalhar e de enxergar “funções” continuar sendo as mesmas centenárias, nada mudará. Isso tudo só frustra o “policial”. Essas realidades sim são bem piores que maus salários, más condições de trabalho e insegurança quanto a agir ou não para não ser punido desproporcionalmente pela Corregedoria e Órgãos de controles externos. A mentalidade administrativa e vertente centenária quanto às funções práticas dos cargos é o maior problema “policial” hoje em dia. Enquanto a Polícia Militar existe para ser vista e trazer a falsa sensação de segurança aos eleitores, a Polícia Civil existe para manter e pagar o Governo. Para começar a ser “polícia” de verdade, primeiramente devia existir o CICLO COMPLETO. Quem inicia a ocorrência faz tudo até o fim, sem delegar e terceirizar a colegas que nada tem a ver com a ocorrência e são “matriculados” e obrigados a parar o serviço essencial para dar atenção à ocorrência de outrem e, assim, desviar sua função. Além disso, os princípios da Intervenção Mínima e Economia Processual passam longe no dia a dia policial. Somos obrigados a registrar qualquer tipo de notícia do cidadão em boletins de ocorrência: cidadãos que têm chips na cabeça, perseguição de alienígenas, normalmente de pessoas com nítidos transtornos mentais e, por não sermos “psicólogos ou psiquiatras”, sequer podemos nos negar a esse atendimento inócuo, senão somos severamente chamados à atenção ou, às vezes, punidos informalmente com transferências, acúmulo de serviço, escalas extras para o “bem do serviço” etc. Ainda quanto à Intervenção Mínima, agora falando de casos mais “normais”, instaurações de inquéritos a torto e à direito de casos que, de início, já não se vê qualquer perspectiva de solução, como por exemplo furtos ou roubos a interior de veículo, em local ermo, sem câmeras, sem qualquer outro meio de prova a ser produzida, cuja autoria é totalmente desconhecida e nunca será conhecida pelos meios de investigação que temos. Mesmo assim, não apenas se registra a ocorrência por obrigação e tradição, como instauram-se inquéritos e mais inquéritos desses casos totalmente desesperançosos e, uma vez instaurados esses inquéritos totalmente inócuos, começam-se as cobranças, as obrigações com prazo etc. Isso tudo porque a lei e o sistema assim o determinam. Enquanto isso também não for revisto, as cobranças e acúmulos desnecessários de serviço serão constantes, aumentando DESNECESSÁRIA E INEFICIENTEMENTE o acervo cartorário.

Uma verdadeira falta de inteligência legislativa e administrativa. Além disso, com muito



Uma verdadeira falta de inteligência legislativa e administrativa. Além disso, com muito custo quando se finaliza inquéritos, nos deparamos com cotas ministeriais, chamadas de "cotas balão" como, por exemplo "RETORNO À DELEGACIA PARA JUNTADA DO LAUDO X OU Y", "RETORNO À DELEGACIA PARA QUE SE OFICIE AO ÓRGÃO "A" OU EMPRESA "B". Ora, se o Ministério Público (onde trabalhei por 9 anos como Oficial de Promotoria) é o Titular da Ação Penal e tem PODER DE REQUISICÃO expressamente previsto na Constituição Federal e na LOMP, qual o sentido de retornar um inquérito relatado ao Distrito Policial para essas diligências que ele mesmo, "interna corporis", poderia fazer? A resposta é simples: Apenas para jogar a responsabilidade de volta ao Distrito Policial que está assoberbado e transbordando de inquéritos parados e cada vez mais parados e os sem solução por instauração desnecessária. Mas, APESAR DE SABIDO, se isso fosse compreendido ou respeitado, ou o sofrimento fosse reconhecido, tudo seria mais fácil. Mas não pára por aí. Além de cotas ministeriais completamente desnecessárias como essa, retornando autos já relatados ao DP, caso demore mais que 60 (sessenta dias) para cumprimento desses diligências desnecessária (reafirmo) as cobranças são intermináveis e, muitas vezes, com recadinho à Casa Censora Policial, fazendo o policial ir à Rua XXXXXX em dias de plantão, escalas extras, parar seu serviço ou até em folgas e licenças. Ou seja, é um verdadeiro paradoxo. O atraso nos inquéritos que é severamente cobrado é gerado justamente por cotas-balão desnecessárias como as de costume. OU SEJA: ao policial é imposto um serviço desnecessário, por falta de inteligência ou bom-senso de quem manda, e por conta disso acumula seus serviços e ainda é cobrado e, muitas vezes, punido ou no mínimo tem o dissabor de ir à Corregedoria explicar o inexplicável. Sendo que quem causou o acúmulo de serviço desnecessário não foi o policial, foi o próprio órgão que impôs o serviço desnecessário a ele, lhe cobra e ainda quer lhe punir. COMPLETAMENTE ILÓGICA A COISA! O que é totalmente um ato gerado por falta de inteligência do sistema e de costumes centenários. SERÁ QUE NINGUÉM PÁRA PARA PENSAR NISSO OU ENXERGAR POR ESSE PRISMA? Em QUALQUER OUTRO LUGAR DO MUNDO, o policial, detetive, investigador etc., ao ouvir a parte/vítima em entrevista informal em um atendimento ou plantão anotando os detalhes do caso/notícia, percebendo que aquele caso é totalmente insolucionável e/ou totalmente de difícil solução ou solução desnecessária aos gastos do Poder Público, já de cara dá o caso como "arquivado" ou sequer o registra, pois não há meios de se chegar a lugar algum e, portanto, desnecessária a burocracia que se sucederia com o registro daquela notícia insolucionável. Porém, orienta a parte/vítima a procurar advogado, processar o governo, o sistema, o Estado, empresas responsáveis etc. Além de valorizar o serviço da advocacia, aquele sistema policial estrangeiro não sobrecarrega a Polícia que DEVE TER TEMPO PARA SE PREOCUPAR COM ASSUNTOS DE POLÍCIA e não casos inócuos ou registros obrigatórios ou ainda para fazer o cidadão sair feliz do DP com "um papelzinho" com a falsa sensação de que aquele papel lhe blindava do mundo a fora. Isso é Intervenção Mínima de verdade. Mas aqui no Brasil não, registra-se ocorrências de qualquer natureza e assunto e, pior, os que tem o poder da caneta ainda mandam instaurar inquéritos inócuos que, visivelmente desde o começo, não chegarão a solução alguma porque "tem que instaurar", "porque é assim que a Lei manda", "porque é assim há 100 anos", "porque o MP fica em cima", "porque a Seccional vai cobrar", porque isso, porque aquilo... Falta inteligência para rever todos esses conceitos. Reafirmo que maus salários e más condições de trabalho são muito menos graves do que essa péssima visão institucional, formal e material da coisa, e de como é a função da Polícia no Brasil, enraizada por um centenário ou mais"





NISP

NOVAS IDEIAS EM
SEGURANÇA PÚBLICA